U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Entre a reabilitação e requalficação

Parque urbano das Antas e o caso da Quinta de Salgueiros

Tiago Miguel Amorim Rosa

M

2022

U.PORTO

Tiago Miguel Amorim rosa.

Entre a reabilitação e requalificação: Parque urbano das Antas e o caso da Quinta de Salgueiros

M.FAUP 2022

Entre a reabilitação e requalificação: Parque urbano das Antas e o caso da Quinta de Salgueiros

Tiago Miguel Amorim Rosa

FACULDADE DE ARQUITETURA

U.PORTO

11 de novebro de 2022 | 09h00 | Auditório da biblioteca
Tiago Miguel Amorim Rosa
Entre a reabilitação e requalificação. Parque urbano das Antas e o caso da quinta de Salgueiros
Júri
Presidente: Prof. Doutor Manuel Joaquim Soeiro Moreno
Arguente: Prof. Doutor Mário João Freitas Mesquita
Orientador: Prof. Doutor Nuno Miguel Lima Brandão Costa

Esta dissertação teve a classificação de 17 valores





FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Entre a reabilitação e requalificação

Parque urbano das Antas e o caso da Quinta de Salgueiros

Tiago Miguel Amorim Rosa

FAUP. 2022

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Sob a orientação do Professor Doutor Nuno Miguel Lima Brandão Costa

Para maior uniformidade da escrita e fluidez de leitura do texto, todas as citações transcritas referentes a edições de língua não portuguesa foram traduzidas livremente pelo autor.
A manipulação das dimensões e cromáticas das imagens apresentadas é da responsabilidade do autor de forma a ajustá-las à apresentação do trabalho para uma melhor uniformidade na perspetiva grafica.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Belarmino e Irene, pelo constante apoio não só na minha vida académica, mas principalmente na minha vida pessoal, ao qual nunca me deixaram sentir sozinho e pelo amor incondicional.

Ao meu irmão, Paulo Jorge, pela companhia e reflexões fora dos temas académicos, que me fizeram relaxar e esquecer os momentos de stress.

Um especial obrigado ao meu primo Paulo, por me ter acompanhado em momentos difíceis, mesmo que não tenhas tido conhecimento destes, tu ajudaste-me a querer começar uma nova fase da minha vida.

Um obrigado ao professor Nuno Brandão Costa, pela orientação e acompanhamento deste trabalho.

E, por fim, a todos os meus amigos e colegas da FAUP que estiveram presentes na minha vida, tanto académica como pessoal, nos momentos bons e nos maus, nas noites longas de trabalho nas salas, e nos dias calmos pelos jardins da faculdade.

A todos, o meu sincero obrigado.

ABSTRACT

This dissertation is motivated by the opportunity and explore a project solution for the urban reorganization of the “Antas detail project” in the city of Porto. A place with a maximum potential for a green urban development and study in a city of great population concentration. It is in this territory that it retains a great asset value for the city, as well as also supports a vast historical knowledge in what is the urban evolution in a concentrated city, and with a large rate of residential growth, particularly in this territory of Antas. This object of great patrimonial value is the House and “Quinta dos Salgueiros”, a construction dating from the eighteenth century, and with a rich cultural history, not only in its internal gardens, but also in its own architecture. Today this architectural object remains in oblivion, now part as an object in ruin in a vast abandoned garden, disqualified, in speculation, waiting for an opening, of something that will bring it back to its glory days.

The objective of this intervention goes beyond the combination of an absolute solution for “Quinta de Salgueiros”, since this work intends to walk around several issues that can be applied in different ways, and develop a critical thought in relation to the site, throughout this dissertation.

The work adopts a speculative posture that explores and relates the real, with the design indications planned for this area. It is in this way that the proposal of intervention present in this dissertation has a concentration in the area that saves the planning of a future urban park for the territory of Antas. Thus, there is not only a concentration between the delimitations of the Quinta, but in the entire associated block, as well as some expectant lands around it, which also carry a potential to be related to the green intervention that is expected for that territory. Thus, there is a clear correlation between the various scales of intended intervention: the urban scale; block scale; scale of the Quinta, and finally the scale of the house, which explores the way of thinking and building between the context and the architectural object itself.

This idea of the project appears with the purpose of reconfiguring a piece of history in an existing place, creating new readings and reinventing it, thus giving new activities that suit the current times.

RESUMO

A presente dissertação é motivada pela oportunidade e explorar uma solução de projeto para a reorganização urbanística do "projeto de pormenor das Antas" na cidade do Porto. Um local com uma potencialidade máxima para um desenvolvimento e estudo urbanístico verde numa cidade de grande concentração populacional. É neste território que reguarda um grande valor patrimonial para a cidade, assim como suporta também um vasto conhecimento histórico no que trata da evolução urbanística numa cidade concentrada, e com um grande índice de crescimento residencial, nomeadamente neste território das Antas. Este objeto de grande valor patrimonial trata-se da Casa e Quinta dos Salgueiros, uma construção datada do século XVIII, e com uma rica história cultural, não apenas nos seus internos jardins, como na sua própria arquitetura. Atualmente este objeto arquitetónico permanece no esquecimento, fazendo parte agora como um objeto em ruína num vasto jardim abandonado, desqualificado, na especulação, a espera de uma abertura, de algo que o traga novamente para os seus tempos de glória.

O objetivo desta intervenção ultrapassa a junção de uma solução absoluta para a Quinta de Salgueiros, uma vez que este trabalho pretende deambular em torno de várias questões que possam ser aplicadas de formas diferentes, e desenvolver um pensamento crítico em relação ao local, ao longo desta dissertação.

O trabalho adota uma postura especulativa que explora e relaciona o real, com os indícios de projeto planeados para esta área. É desta forma que a proposta de intervenção presente nesta dissertação tem uma concentração na área que reguarda o planeamento de um futuro parque urbano para o território das Antas. Desta forma, não existe apenas uma concentração entre as delimitações da Quinta, mas sim em todo o quarteirão associado, assim como alguns terrenos expectantes no seu redor, que também carregam uma potencialidade de serem relacionados com a intervenção verde que se espera para todo aquele território. Assim existe uma clara correlação entre as várias escalas de intervenção pretendida: a escala urbana; escala do quarteirão; escala da Quinta, e por fim a escala da casa, que explora o modo de pensar e de construir entre o contexto e o próprio objeto arquitetónico.

Esta ideia do projeto aparece com o propósito de reconfigurar um pedaço da história num lugar existente, criando novas leituras e reinventando-o, dando assim novas atividades que se adequam aos tempos atuais.

INTRODUÇÃO 11

MOTIVAÇÃO | PROBLEMATIZAÇÃO 14

OBJETO | OBJETIVO 18

METODOLOGIA DE TRABALHO 21

1-CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 - DA CIDADE AO LUGAR- A cultura da Natureza na Cidade do Porto 24

1.2- A QUINTA DE SALGUEIROS
1.2.1 - No contexto histórico do Lugar das Antas 32

2-ONDE É E O QUE É

2.1- CRONOLOGIA MORFOLÓGICA E TOPOGRAFICA DO LUGAR 38

2.2- LEVANTAMENTO DO ATUAL-
2.2.1- Quinta de Salgueiros 44
2.2.2- Casa Senhorial 46

3-O QUE PODERÁ SER

3.1- O PODER DAS REFERÊNCIAS – A Urbanização no estudo da cidade 50
3.1.1- O lugar 51
3.1.2- Regionalismo crítico no contexto de lugar 52
3.1.3- Relação entre a cidade contemporânea com a verticalidade 54
3.1.4- Processo de evolução da cidade/sociedade 55
3.1.5- Relação de cidade e sociedade 59

3.2 - PLANO DE PORMENOR DAS ANTAS – Análise critica da proposta 60

3.3- AS PRIMEIRAS IDEIAS- De onde vem a ideia de Intervenção? 64

4-ENTRE A REABILITAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO

4.1- PROJETO DO PARQUE URBANO
4.1.1 - Parque Urbano Geral | Jardins 70
4.1.2 - Parque Urbano Geral | Cortes 72
4.1.3 - Casa Senhorial | Quinta de Salgueiros 74

CONSIDERAÇÕES FINAIS 77

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS 78

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS 79

ANEXOS 81

INTRODUÇÃO

O método da execução de um projeto de arquitetura, com o objetivo do seu desenvolvimento ser interconectado como um espaço de reflexão critica sobre o próprio objeto em estudo, foi, desde o começo do seu desenvolvimento, o ponto focal nesta dissertação. Este espaço teórico é entendido como lugar de exploração a novas problemáticas e que podem ser consequentes, no processo criativo, à aproximação de uma reflexão intelectual do projeto como próprio espaço para uma posição critica. Dai o entendimento e o aumento do conhecimento histórico sobre o objeto de estudo ser essencial para a formulação de um discurso coerente e promissor para uma análise e reflexão critica sobre o próprio discurso teórico que nele se insere. *"O Aumento de conhecimento de uma determinada obra, para além de estar associada a um aumento de certezas, também é relacionado com o aumento de incertezas."* [1]

Esta presente dissertação parte com o princípio narrativo de exploração de novas praticas de intervenção na arquitetura, não só meramente expositivo, mas principalmente na reconstrução de um discurso que promova a discussão com um pensamento que não só se expõe como assertivo, mas também refletivo. Com isto em mente o objetivo pode transitar entre três pontos complementares. Por um lado, pretende-se a procura de elementos históricos e perceber qual o contexto que o objeto em estudo se insere na prática da arquitetura. Por outro lado, há um desejo na procura de uma direção teórica que permita entender a arquitetura como um objeto gerador de condições que possam exercer novas experiências. E por fim espera-se também compor um discurso que possa dar resultado a prática da arquitetura de intervenção em comunhão com estes dois primeiros pontos, no qual a pesquisa está fundamentada entre as condições teóricas exploradas na elaboração de uma proposta de intervenção. *"Um entendimento e conhecimento da obra e da sua história irá ajudar a formular a identidade dela mesma e nas possibilidades de intervenção em função da "Utilizas" que depois definirá a importância d "Formitas" e da "Venustas".* [2] *"O estudo e análise histórica é indispensável para o desenvolvimento de uma relação entre a teoria e a prática."* [3]

Acredito que a arquitetura é o pináculo entre o que podemos chamar de fronteira para o processo criativo, conjugado entre o que é objetivo e subjetivo, entre o que é ciência exata, e o que é uma disciplina que não procura soluções dedutivas, mas sim algo que possa promover o "desconhecido", que possa incentivar o debate entre as partes, ao que podemos chamar de objetividade e subjetividade. Esta subjetividade e incerteza da conjugação da realização do projeto e na sua relação com as bases e discursos teóricos, provocam numa fase inicial de desenvolvimento do trabalho, pequenos avanços hesitantes na sua execução. Não existe uma técnica ou uma fórmula milagrosa de projeto que se possa adaptar a qualquer situação que nos podemos deparar.

1 ALARCÃO, Pedro- Construir na ruína: Entre a reconstituição e a reabilitação. p.9
2 Ibidem. p.7
3 Ibidem. p.8

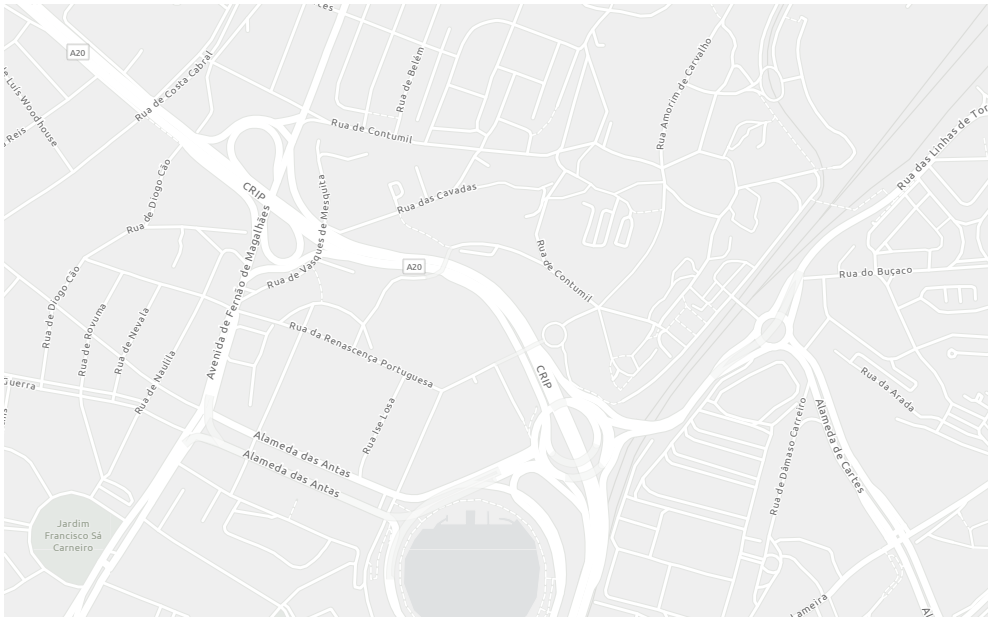
Existem métodos, formulações de várias intenções, que no permitem guiar por um caminho de desenvolvimento que nos ajuda a moldar os nossos pensamentos a algo semelhante ao que esperamos alcançar. Mas mesmo desta forma, o percurso a seguir é uma jornada que não se desenha em "linha reta". Ao contrário do que se pode imaginar, numa "caminhada criativa" este desenho tem curvas e contracurvas, e em momentos pontoais, existe a necessidade de voltar atrás para "redesenhar" esta linha.

"Quanto mais progredimos na investigação da geografia urbana da cidade tanto mais nos apercebíamos da vastidão dos problemas que levantava e dos quase intransponíveis obstáculos de toda a ordem que nos impediam de ver claro"
"Da compreensão de todas estas realidades nasceu naturalmente a necessidade de restringir o âmbito do trabalho." [4]

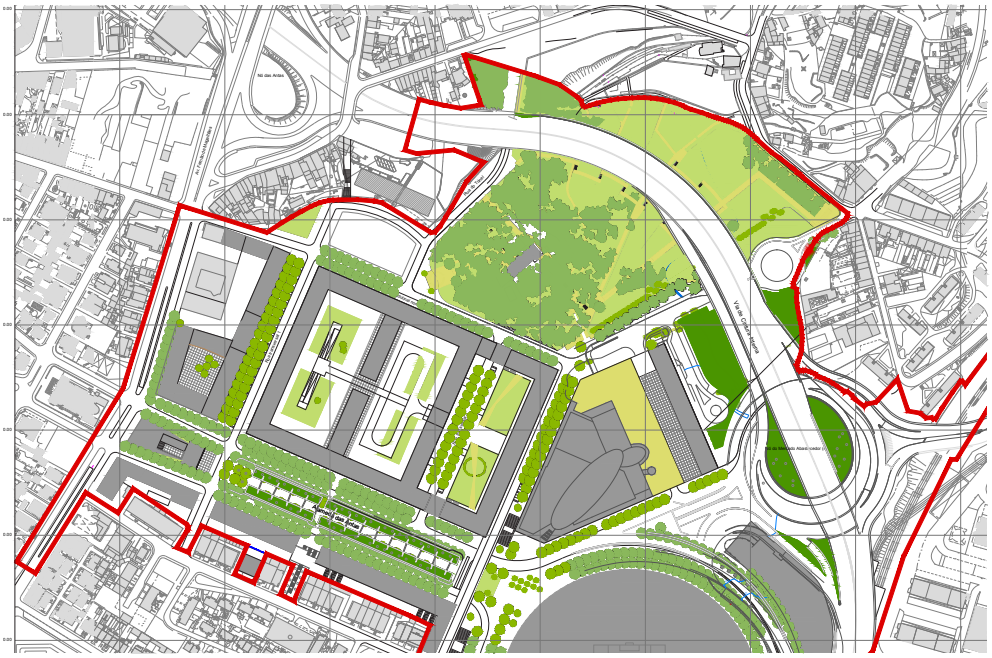
Esta analogia com o desenho tem como objetivo reconhecer que existe a necessidade de focar este percurso de manifestações, que permite moldar estes pensamentos aos objetivos a alcançar. Mas antes de iniciar este processo criativo, assim como qualquer outra pratica de intervenção, há a necessidade de realizar uma análise das condições pelas qual estamos presentes para dar início ao ponto de partida. Desta forma, o propósito da procura destes elementos iniciais, dão forma a uma leitura de várias condicionantes, que, por usa vez, ajudam a criar uma direção mais objetiva para um início de pensamentos e ideias. Estes constrangimentos nem sempre são vistos como algo negativo na disciplina da arquitetura, que pode ser pensada como um exemplo de expressão ilimitada, que anuncia uma liberdade de criatividade e um respeito por normas de coações sociais, culturais e por muitas vezes mesmo políticas. Estas ditas "limitações/imposições" são muitas vezes analisadas como oportunidades de regulação de ideias, e não querem dizer que a prática de projetar arquitetura esteja sufocada por estes critérios.

Estes estudos das limitações conceptuais na realização do projeto, não estão apenas presentes na análise inicial do material encontrado sobre o objeto de estudo, mas está também presente pela continuidade da realização do projeto, como no seu cruzamento com estudos de bases fundamentadas em questões teóricas. Daí, a metodologia que foi adotada para esta intervenção tenta focalizar no cruzamento de vários conceitos que possam auxiliar o projeto em específico. Existe então uma conexão entre vários temas, como o contexto urbano onde se insere, questões ambientais condicionantes e problematização do tema de reabilitação da ruína existente, assim como conceitos adjacentes de reflexão ao tópico da ruína em específico, provenientes de pesquisas abrangentes, leituras e também pela própria experiência da visita ao local.

4 OLIVEIRA, J. M. P. O espaço urbano do porto – condições naturais e desenvolvimento. porto: edições afrontamento, 2007, 1.ª ed. 1973.



01_Mapa da zona das Antas-Campanhã


02_Plano de pormenor das Antas- Planta dos Espaços Verdes 2013

MOTIVAÇÃO | PROBLEMATIZAÇÃO

A preparação para o presente trabalho teve início muito antes da definição do próprio objeto e tema de exploração para esta dissertação. Posso afirmar que esta oportunidade de explorar esta temática vem a partir do gosto e afeição que desenvolvi ao longo do trabalho académico da unidade curricular de História da Arquitetura Portuguesa, na componente prática, onde desenvolvi, juntamente com mais três colegas meus, uma investigação sobre os espaços, jardins e a casa senhorial da Quinta de Salgueiros no Porto. Como este espaço se encontrava em ruína e desocupado, e pelo facto de, pessoalmente, possuir um gosto próprio pelo tema da ruína, surgiu o interesse de dar continuidade a este trabalho, mas não só a partir do desenvolvimento histórico da Quinta em si, mas no âmbito de reconhecer toda esta área como potencial de ser requalificada num grande parque urbano, envolvendo os espaços da Quinta como precedentes para a sua realização.

Gradativamente, comecei a sentir a necessidade de explorar mais esta área problemática para me concentrar não apenas no objeto da quinta, mas em todo um contexto onde a sua reabilitação possa fazer sentido. Deste modo, e juntamente com o meu orientador, surgiu então a problemática de como os jardins da quinta se podem expandir para todo o quarteirão, qualificando assim toda esta área para um espaço de lazer e conforto.

É então que, juntamento com uma pesquisa sobre os espaços verdes na cidade do porto, surge uma indicação de projeto de um parque urbano para este território, e que articula outros espaços circundantes para o desenvolvimento do parque para alem dos limites definidores do quarteirão. É desta forma que começa a deliberação de fechar quais os limites da área de intervenção que pretendo atuar.

Outro aspeto de problematização que se impõe para esta área é o futuro complexo residencial projetado para os espaços do antigo estádio das Antas, o projeto das "Antas Atrium". Este complexo, em que a primeira fase já está atualmente em construção, espera um acréscimo de um total de 1014 apartamentos, juntamente com 15 500 m2 de áreas verdes e de lazer privadas, para os seus residentes. Como estes espaços são privados, e todo este novo complexo ira refortalecer esta área com novas oportunidades comerciais, atraindo assim uma nova vida para a área das Antas, espera-se que todo este território careça de um espaço verde de grande dimensão, para oferecer aos novos residentes um espaço publico, de grande valor patrimonial, cultural e social. Desta forma, a proposta desta grande mancha verde, deve ser vista como o próximo passo de investimento para o programa do plano de pormenor das Antas.



03_Vista aérea do projeto do complexo habitacional “Antas Atrium”



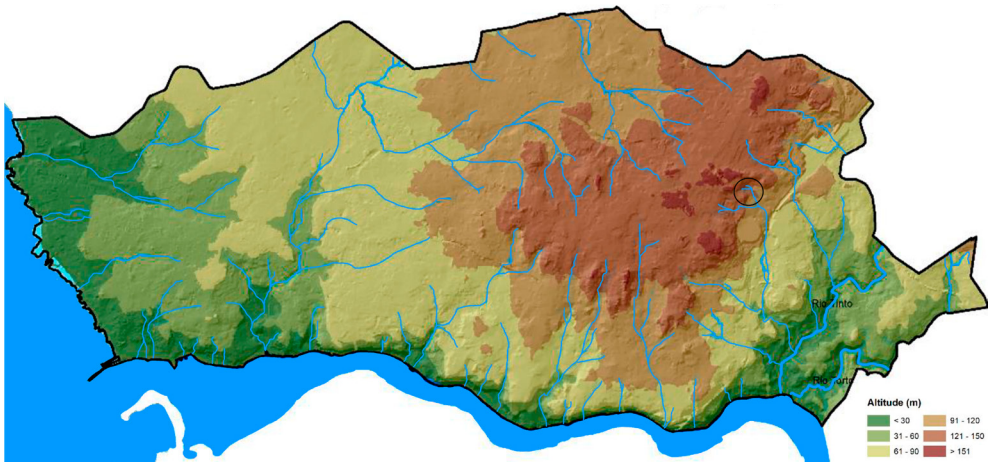
04_Vista aérea do projeto do complexo habitacional “Antas Green”



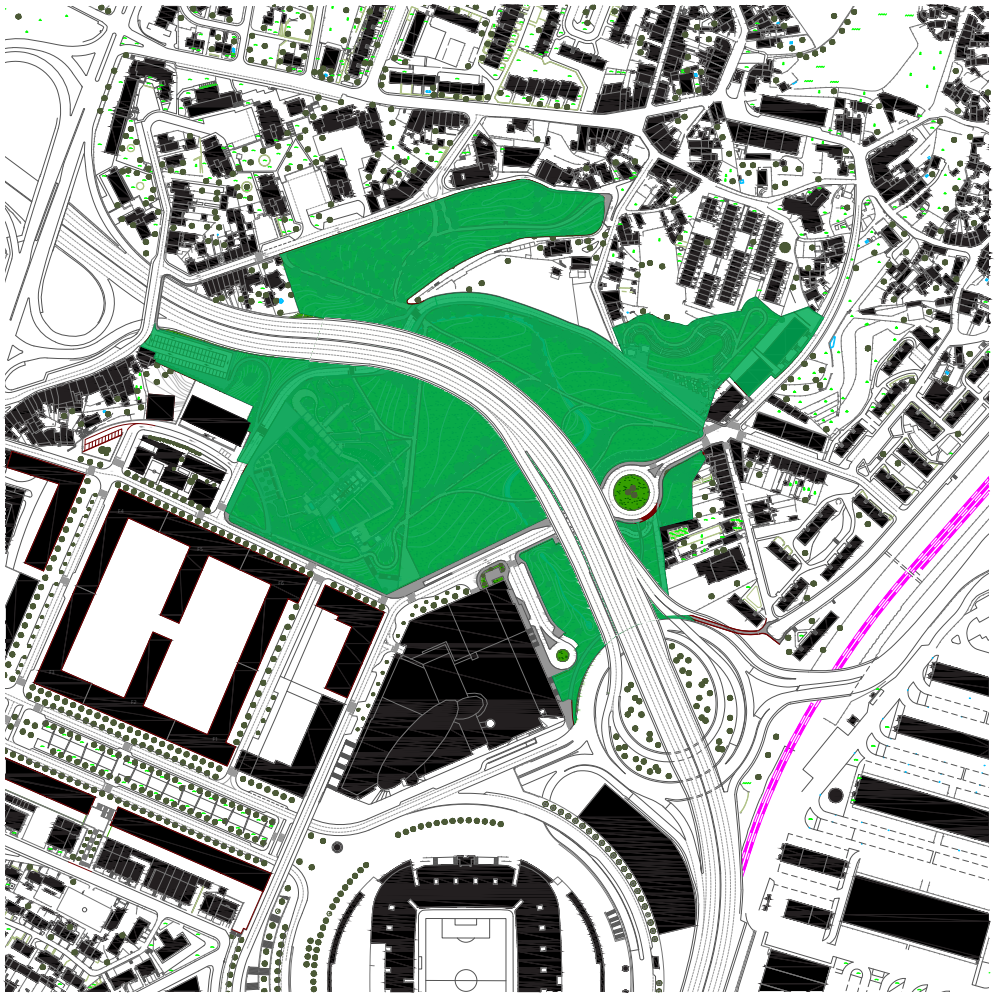
05_Vista aérea do projeto do complexo habitacional “Antas Build”

Para além deste grande complexo, está também em avanço, ou por avançar, mais projetos de crescimento habitacional para esta área. Para já os que já se encontram contruídos ou atualmente a construir são o “Antas Green” e o “Antas Build”.

Em geral, todo este plano de pormenor das Antas tem os seguintes valores indicativos, do que se espera no crescimento habitacional. Um total de aproximadamente, 2750 habitações/fogos, variados entre T0 a T4, 62000m2 de comércio/serviços, 5000 postos de trabalho, 4600 lugares de estacionamento automóvel publico e 4500 a 6000 lugares privados.



06_ Mapa Hipsométrico do Porto



07_Área de Intervenção

OBJETO | OBJETIVO

A implantação do edifício de referência encontra-se astuciosamente colocado nas elevações do terreno, na área mais privilegiada de toda este território. Era característico para as construções desta ordem, as quintas de recreio, serem construídas em pontos estratégicos da cidade, nomeadamente em espaços elevados com vistas privilegiadas sobre a cidade. Desta forma, o corpo central, a casa senhorial, fica em destaque, valorizando mais ainda, o percurso dos espaços verdes do seu jardim, ressaltando o desenho e a importância destes estarem organizados em patamares, quase como se existisse uma hierarquia dos espaços exteriores.

O parque das antas poderá ser desenvolvido com o âmbito de expansão, continuidade e regeneração das áreas verdes e dos jardins da Quinta dos Salgueiros. Como a organização da Quinta em estudo, e como muitas outras obras da mesma classe social desta época, é organizada por setores e por áreas reservadas entre si, ou seja, são fechadas para o interior ao qual cada uma tem o seu próprio programa, ou tipo de organização paisagística. Esta resolução tem como objetivo a organização de casa setor para a sua própria identidade, tirando partido de vários desenhos organizadores individuais, mas mantendo uma conexão uniforme entre eles, deixando uma leitura geral de um parque urbano unitário.

Em analise de todo este quarteirão podemos subdividir a sua área em três partes organizadoras. A área alta, que é responsável pela organização dos jardins da Quinta de Salgueiros. Uma segunda área de transição para a secção baixa, os jardins de sombra por debaixo da VCI, que pode promover não só um jardim verde horizontal como vertical, ao longo dos pilares estruturais da via rápida, e um terceiro espaço, a área desqualificada para além da VCI, no lado nascente, que mantem uma topográfica mais regular e que permite um tipo de desenho e organização paisagística mais vulgar e constante, havendo assim um contraste entre as duas partes qualificadoras deste território.

Em preocupações de planeamento de desenho para o parque urbano das Antas, a ideia base é a criação de mistério. Assim como a quinta era originalmente proposta, com muros variados que se organizavam conforme os jardins internos individuais, que criam uma atitude de curiosidade para o que está desenvolvido no seu interior, promovendo a deslocação e o interesse de caminhar por todos os espaços apresentados ao seu redor. Daqui surge a ideia de o parque urbano, nesta área pontual, ser fechado, de certa forma, meramente visual, despertando curiosidade para o seu interior, em que, depois do ocupante se deslocar para o interior dos seus muros, estes voltam a criar uma sensação de curiosidade no que está para alem dos muros da quinta, na cota mais alta. Ao chegar neste ponto de cota máxima da quinta, aqui, e só aqui é que se torna possível ter uma perceção visual total de todo o parque urbano, e do resto da paisagem da cidade to Porto. Esta ideia de organização e promoção pedonal vem na herança do ser humano pela curiosidade e vontade de ver o que está para alem do percetível, para alem do que é visual.

É então que, depois desta analogia total sobre a ideia geral de organização do quarteirão, e de avaliar o projeto da câmara do porto para o futuro parque, que é desenhado os limites de todos os espaços que podem ser usados para esta intervenção. (Imagem 07)

Na totalidade do espaço de intervenção, está a disposição uma área aproximadamente de 97 620m2, em que o total do quarteirão onde pertence a Quinta tem 56 925m2, e só os espaços da Quinta apresentam uma área de 13 675m2.

METODOLOGIA DE TRABALHO

O presente trabalho principia da proposta continuação e exploração do trabalho da Unidade Curricular de História da Arquitetura Moderna. Com isto em mente, o método de trabalho tem uma primeira abordagem de reencontro ao trabalho de História, recolha e melhoramento das informações apresentadas, e uma nova análise ao local. Esta nova analise apresenta uma segunda fase de várias visitas ao local, para uma melhor apreciação e reinterpretação de todos os espaços, e captar novos registos, tanto fotográficos como videográficos, tanto terrestres como aéreos. Estes registos depois serão organizados para um levantamento extensivo sobre a Quinta de Salgueiros, em conjunção do levantamento já realizado no ano passado, de 2021.

De seguida, existe uma recolha e analise dos desenhos e informações para o Plano de Pormenor das Antas, assim como uma análise paralela das cartografias do território envolvente próximo da área de intervenção ao longo dos anos. Esta análise e interpretação do plano tem como objetivo compreender as dinâmicas do que era o lugar das Antas antes e depois da intervenção urbana, e criar uma tentativa de explicar certas decisões tomadas neste mesmo plano. Existe também nesta fase a identificação das alterações que foram feitas ao plano de pormenor original, aprovado em 2002.

Como ponto seguinte existe a recolha e analise de autores nacionais como internacionais, que tenham uma experiência e bibliografia igual ou semelhante ao tema a retratar neste trabalho. Este ponto tem como objetivo a analise critica dos temas abrangentes que possam estar relacionados com a intervenção urbanística e a requalificação de um espaço urbano, assim como a interpretação da arquitetura no espaço publico. Esta fase tenta também procurar a conhecer autores que tenham trabalhado a ruína, e o puder da reabilitação de uma obra com valor patrimonial, para a organização espacial de onde está inserido. Neste caso da Quinta de Salgueiros, são os espaços dos jardins barrocos, os jardins em plataforma/socalcos, e todos os restantes espaços desqualificados nos limites fronteiros do quarteirão.

Para concluir, o trabalho remata com desenhos da proposta para o novo Parque Urbano das Antas, que são o resultado de uma tentativa, da completa combinação e analise de todos os pontos referidos anteriormente.

CONTEXTUALIZAÇÃO

DA CIDADE AO LUGAR - A CULTURA DA NATUREZA NA CIDADE DO PORTO

A estruturação social na cidade do Porto, ao longo do seu desenvolvimento pode ser estruturada em três divisões. Na cidade intramuros, na expansão dos espaços extramuros, e no seu anel periférico rural, que se torna, no século XX, o suporte de desenvolvimento da cidade do Porto para os tempos modernos.

No primeiro ponto da cidade intramuros, esta era fortemente densificada, sendo que os espaços verdes não eram a prioridade, logo existia uma escassez para este tipo de espaços. Na sua expansão extramuros, já se começam a desenvolver alguns quarteirões ou lotes, dedicados a estes espaços naturais, mas mantendo o desenvolvimento do edificado como ponto de prioridade. É então que surge a expansão para a zonas periféricas, apontadas por construções de Quintas pontuais, que são seguimento a espaços de lazer mais abertos/amplos, que mais tarde se transformaram em elementos de referência de espaços verdes na cidade. Os espaços verdes que encontramos hoje na cidade, próximos das regiões antes muralhadas, são representados por terrenos antes agrícolas junto da cidade consolidada, que, com a expansão desta, foi necessário a adoção de um novo programa para estes mesmos espaços, como parques urbanos e/ou jardins verdes públicos.

A produção do espaço e natureza associada aos jardins públicos remete para 3 qualidades: Natureza; Tempo; Género.

Neste período de tempo, a ideia de natureza numa grande cidade, e os seus espaços públicos coincidem com novas dinâmicas espácio-culturais, e de uma perspetiva mais expansiva na escala da cidade, mais concretamente associados a necessidade de acolher um maior, e cada vez mias, um acréscimo de população residente. A tentativa de aumentar os valores de metros quadrados de espaço verde por habitante é sempre um fator e um valor de prestígio, que traz uma maior valorização de uma urbanização, especialmente uma que já seja considerada como uma área já consolidada e densificada.

A estruturação espacial, verde, e publica de uma cidade é fortemente inferida na sua morfologia, pela a sua estruturação social.

No caso do ponto de estudo, na cidade do Porto, esta pode ser estudada e compreendida pelas plantas de levantamento dos espaços públicos de 1892, onde estão representados os seus contextos e topologias espaciais e também dos espaços verdes nos finais do século XIX. Apesar destes desenhos de levantamento de Telles Ferreira retratarem uma cidade do Porto do século XIX, estes são estruturantes para avaliar e identificar os avanços dos espaços públicos desenvolvidos ao longo do século XX até a modernidade.

Daí, encontrar uma definição exata de espaço verde urbano, é uma tarefa complexa, pois foi adaptando e evoluindo ao longo dos tempos, segundo a função que anteriormente teria. O mais comum é nomear o espaço consoante uma função especifica a qual esteja identificado, mas a sua definição completa permanece muito ambígua.

Michael Lourei[5] defende que as origens de um jardim destinado a tranquilidade, ao lazer, prazer de conforto e culto da natureza, está enraizado na cultura das metodologias, em que todos os espaços da natureza, são descritos como paraísos, comparáveis até aos jardins do Éden.

Apesar desta referência aos jardins de Adão e Eva não ser aplicável na sua totalidade hoje, já que estes jardins também ofereciam, para alem de lazer e bem-estar, uma organização de prática de cultivo e ofício. Os chamados jardins urbanos e espaços verdes, não tem esta aplicabilidade do ofício e cultivo, mas estão focados apenas nas áreas de saúde mental, lazer e bem-estar do cidadão. Pode, no entanto, pode existir uma combinação entre estes espaços verdes e os espaços que são chamados de hortas urbanas. Estes são claros na sua função de cultivo, e poderão partilhar com os parques urbanos e espaços verdes uma função de apoio a saúde mental, já que muitas pessoas procuram na agricultura, um ambiente e uma prática de tranquilidade e distancia as suas vidas aceleradas, comuns numa cidade.

Para alem desta aplicabilidade do jardim urbano, estes espaços de conexão com a natureza podem também ter uma ligação simbólica com os espaços construídos do habitat primordial do ser humano, que inconscientemente nos deixa com uma sensação de conforto e de pertença.[6]

Está também associado ao conceito do espaço verde a ideia de rotura e profunda transformação do espaço urbano meramente densificado, que era responsável por vários, preocupantes, problemas associados com a saúde humana, como mortalidade infantil, má qualidade do ar devido a poluição, grandes áreas impermeáveis, que originava cheias de água, etc.

“Estas condições de determinação da qualidade de vida associada ao facto da cidade, ser construída de forma oposta a natureza revelou-se indutora da morte espiritual do homem.”[7]

Ao associar este tema da cultura verde na cidade do porto, existe aqui a necessidade de apontar alguns dos exemplos ilustrativos encontrados ao longo do território da cidade do Porto. Estes espaços podem ser caracterizados com o estatuto de parque urbano publico, assim como de espaços verdes com um caracter de uma escala mais reduzida em comparação com uma intervenção de um caracter mais urbana, e também jardins com características privadas. Estes são apenas alguns dos muitos exemplos deste tipo de espaços com uma história mais significativa para a cidade do Porto:

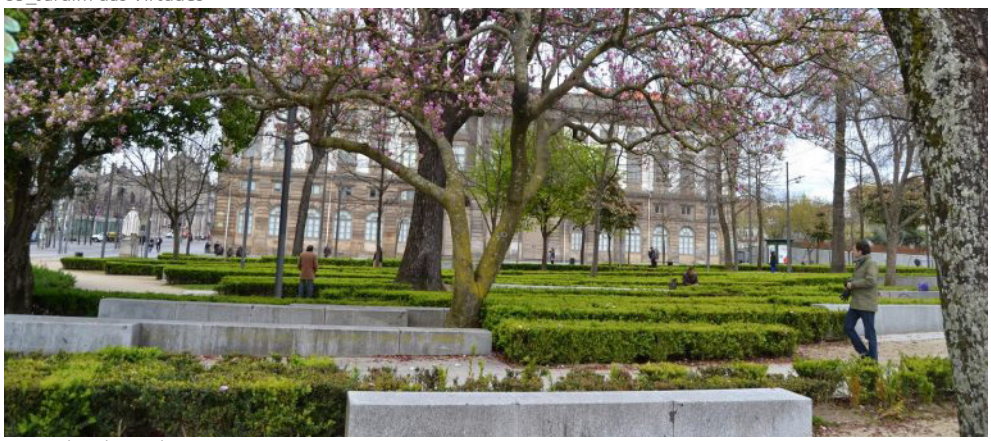
5 Michael Lamurie Archetes LTD- Edinburgh, United King dom
6 Gomes R.A.L_Estratégias trans temporais de conceção espacial no traçado de jardim euro-asiático pré-novecentista (2010)
7 Velho S.I.P_O efeito dos espaços verdes no conforto bioclimático (2012)



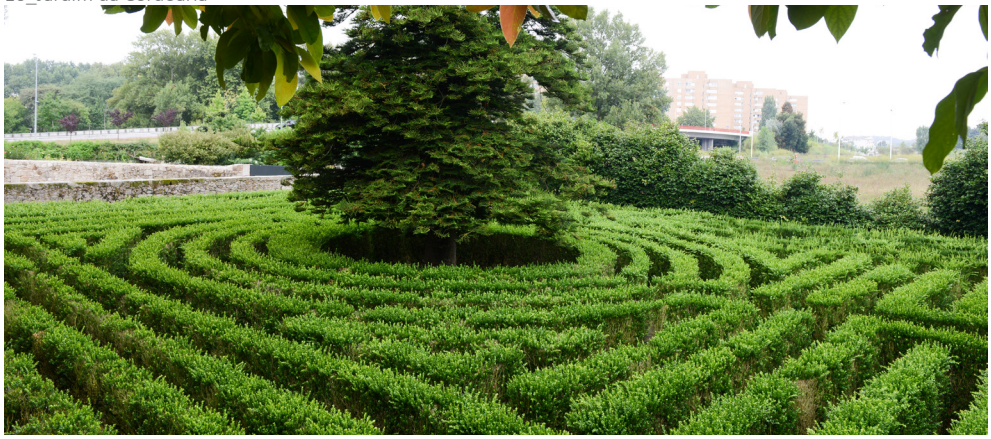
08_Jardim do Palácio de Cristal



09_Jardim das Virtudes



10_Jardim da Cordoaria



11_Jardim da Quinta da Prelada

Jardins do Palácio de Cristal

"Tiveram a sua origem no séc. XIX quando o arquiteto paisagista francês E. David fez o arranjo do espaço envolvente do palácio de Cristal que abrigara a grande Exposição Industrial de 1865. Daqui se desfruta uma extraordinária panorâmica do rio, ao longo de um cenário idílico de árvores frondosas, carvalhos centenários, canteiros, bosque de tílias e jogos de água. Recuperados e restaurados recentemente, valorizam este espaço cultural ao ar livre, onde se realizam atividades diversas."[8]

Jardim das Virtudes

"O jardim caracteriza-se pelo seu distintivo conjunto de socalcos, outrora preenchidos pelas plantas introduzidas por Marques Loureiro, encontrando-se ainda desse tempo diversos elementos de feição romântica, construídos em betão, nomeadamente bancos e varandins, imitando troncos de árvore, bem como escadarias e falsos rochedos. Diversas fontes, lagos e tanques pontuam a quinta, destacando-se a fonte de feição barroca, localizada na parte superior e, já no exterior, no fundo da calçada das Virtudes, a monumental Fonte das Virtudes, seiscentista, Monumento Nacional desde 1910."[9]

Jardim da Cordoaria

"É um dos mais antigos da cidade e está localizado Campo do Olival, outrora limite da cidade medieval. Com os alvores do Romantismo, transformou-se, em 1805, em Passeio Público da Cidade, com base no projeto do arquiteto francês E. David. Mantém hoje esta ambiência romântica reforçada pela colocação de estatuária reproduzida no princípio do século, com destaque para a escultura alegórica da Flora, da autoria do escultor romântico Teixeira Lopes e para as estátuas dos escritores oitocentistas Ramalho Ortigão e António Nobre."[10]

Jardins da Prelada

"Foram traçados no séc. XVIII, na quinta do mesmo nome, pelo arquiteto Nasoni. Fizeram parte de uma propriedade privada, uma quinta de recreio onde a natureza compõe o cenário criado pelo espaço arquitetónico. Neste contexto, a água é parte integrante da paisagem construída, com destaque para o Lago numa das extremidades, com uma pequena ilha onde emerge um castelo de duas torres concêntricas. A grande escadaria de acesso, com a fonte central, é um dos percursos mais surpreendentes do conjunto barroco onde já se pronuncia um primeiro estilismo romântico."[11] Hoje, este espaço aberto dos jardins foi cortado pela VCI, o que desvinculou a ligação da casa da Prelada aos espaços do pequeno castelo da Prelada rodeado por um espelho de água.

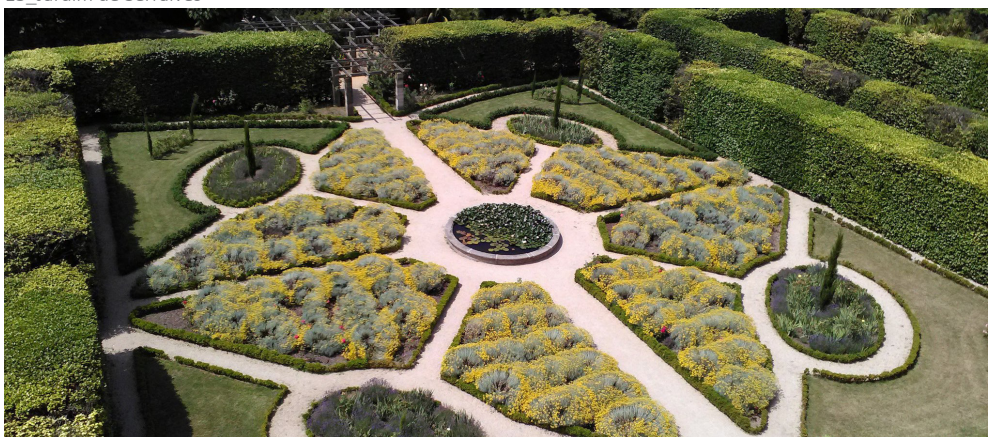
8 https://www.e-cultura.pt/artigo/19391
9 https://jardinshistoricos.pt/ad/806
10; 11; 12 https://www.e-cultura.pt/artigo/19391



12_Jardim da Quinta da Macieirinha



13_Jardim de Serralves



14_Jardim Botânico



15_Jardim da Casa do Allen

Jardim da Quinta da Macieirinha

"É mais um dos cenários paisagísticos românticos do séc. XIX no Porto. Faz também parte de uma antiga quinta dos arredores, cuja residência mantém as características da época e o interior está ornamentado com objetos do quotidiano oitocentista. O conjunto foi transformado em Museu Romântico e apresentado como um genuíno testemunho histórico da época. O ambiente pitoresco é criado pela vegetação e pelos percursos traçados na natureza, à maneira dos jardins ingleses."[12]

Jardins de Serralves

"O jardim tem um traçado retilíneo e é um notável exemplar da influência art deco, com uma geometria simples e uma volumetria plana, onde o desenho do buxo e as espécies florais exprimem o gosto requintado da época. Prolonga-se em terraços sequenciais para além dos quais se estende a mata e o horto tradicional. As diversas atividades de ar livre que aqui se realizam regularmente, particularmente ligadas aos jovens e às crianças animam o espaço e desenvolvem a educação artística."[13]

Jardim Botânico

"Fundada no início do século XIX, por Jean Pierre Salabert, a casa e o jardim seriam, posteriormente, sujeitos a vários projetos de recuperação. Em 2020 é inaugurado o Jardim Botânico e é distinguido com a atribuição do galardão de International Camellia Garden of Excellence. A sul da casa encontram-se o Jardim do Peixe, o Roseiral e o Jardim dos Jotas, rodeados por altas sebes de camélias talhadas. Para nascente do Jardim do Peixe encontra-se o Jardim do Xisto, pontuado por um conjunto de lagos circulares contendo plantas aquáticas e ensombrado por um grande carvalho-alvarinho e um medronheiro-do-Texas, em vias de classificação. A poente do Jardim dos Jotas, encontram-se o Jardim dos Catos, a estufa tropical e a desértica. Para sul encontra-se o Arboreto, onde se podem encontrar muitas das centenas de espécies presentes no Jardim Botânico, destacando-se magníficas carpas-europeias, sobreiros monumentais e um distinto conjunto de biscófias, em vias de classificação"[14]

Jardim da casa do Allen "Casa das Artes"

"O jardim desenvolve-se em dois patamares, tendo o seu acesso principal pela rua de António Cardoso, através de um portão que interrompe o longo gradeamento à face da rua. Transposto o portão, acede-se a um terreiro, definido por dois alinhamentos de altos e esguios cedros-do-Líbano e pela fachada da casa, a sul da qual se encontra o jardim do lago, um amplo espaço relvado, contendo ao centro um espelho de água de linhas clássicas, rodeado por uma bordadura de diospireiros, pontuado por uma graciosa magnólia-de-Soulange e rematado por uma balaustrada. Daqui, através de um elegante lanço de escadas, acede-se ao patamar inferior onde, ao longo de um caminho circular, se encontram elementos arbóreos de grande beleza. No limite poente da propriedade, enquadrados por um monumental conjunto de tílias-pendulas, encontram-se o campo de ténis e o seu pavilhão."[15]

13 https://www.e-cultura.pt/artigo/19391
14 https://jardinshistoricos.pt/ad/813
15 https://jardinshistoricos.pt/ad/824
16 https://jardinshistoricos.pt/ad/823



16_Jardim Marques Oliveira



17_Jardim da Quinta do Covelo



18_Jardim da Casa Tait

Jardim Marques de Oliveira

"Atualmente o jardim é dominado pela presença de um soberbo conjunto de doze magnólias-de-flores-grandes, dispostas em torno do lago central, e classificadas como Árvores de Interesse Público em 2005, para além de exemplares notáveis de cedros-do-Atlas, camélias e tílias, bem como de mélias e sequoias de plantação mais recente. Por entre a vegetação do jardim encontram-se diversas esculturas, nomeadamente os bustos de Marques de Oliveira e de Silva Porto e o "Menino abraçando a gazela". No jardim destaca-se ainda um gracioso chafariz setecentista, proveniente da sacristia do Convento de São Domingos, aí instalado em 1838 e classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1938."[16]

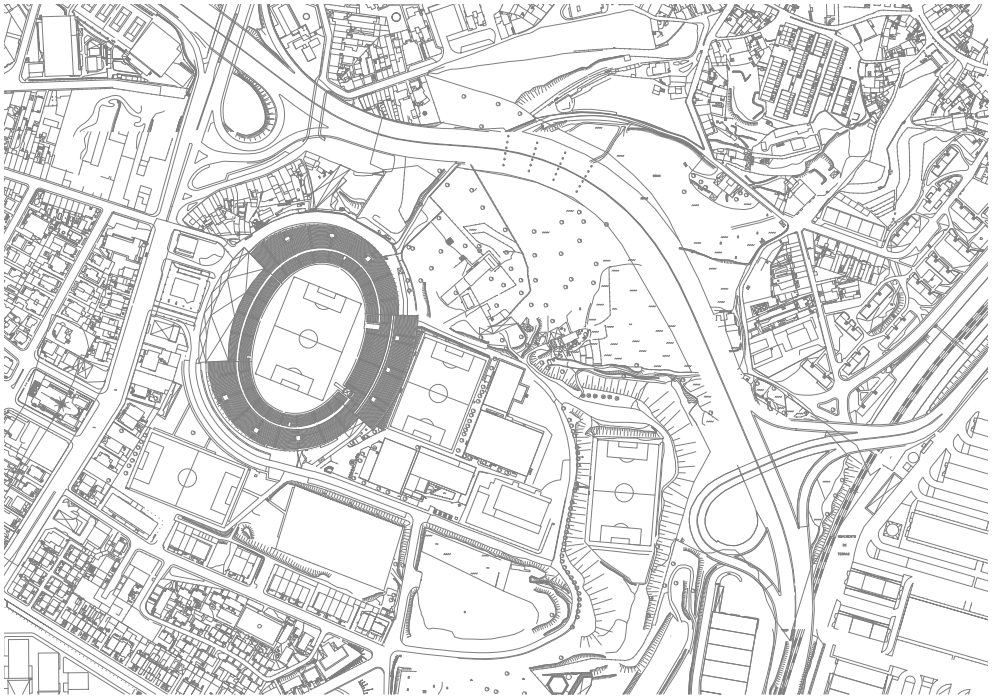
Parque da Quinta do Covelo

Atualmente este espaço está caracterizado pelas suas áreas verdes e pelo novo amplo parque infantil. No século XX, a quinta foi doada à CMP e ao Ministério da Saúde com o impedimento de indivisibilidade e para edificação de um pequeno centro hospitalar para tuberculosos. A Câmara Municipal do Porto, gere atualmente a quase totalidade do espaço, que permanece quase na sua totalidade como parque verde e o atual parque infantil.

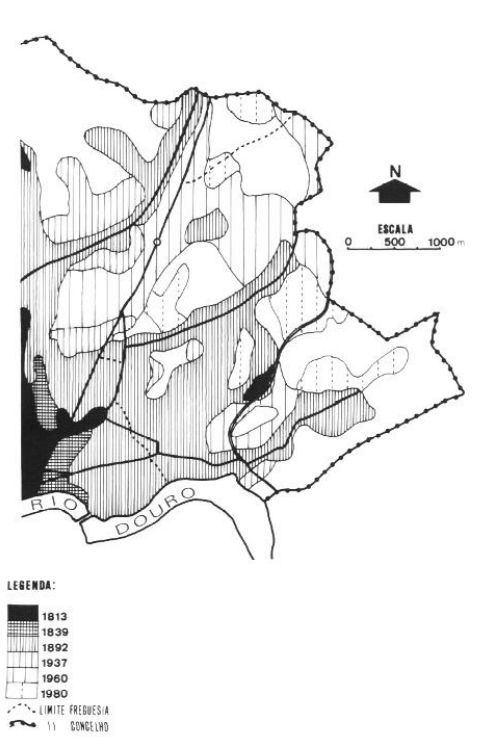
Casa Tait

"Junto à casa encontra-se um pequeno jardim formal constituído por dois canteiros de buxo, contendo roseiras e elementos decorativos de granito, ensombrados por um monumental tulipeiro-da-Virgínia, com mais de 260 anos de idade e 32 metros de altura, classificado como Árvore de Interesse Público desde 1950. Nos dois patamares inferiores da quinta, outrora ocupados pelo roseiral e pelo pomar, observam-se canteiros de buxo, hoje relvados e pontuados por pedestais de granito e um tanque circular. No patamar mais elevado do jardim, ocupado pelo bosque, encontra-se um diversificado conjunto de árvores, nomeadamente uma monumental magnólia-de-flores-grandes e um altíssimo tulipeiro-da-Virgínia com mais de 40 metros de altura, ambos em vias de classificação."[17]

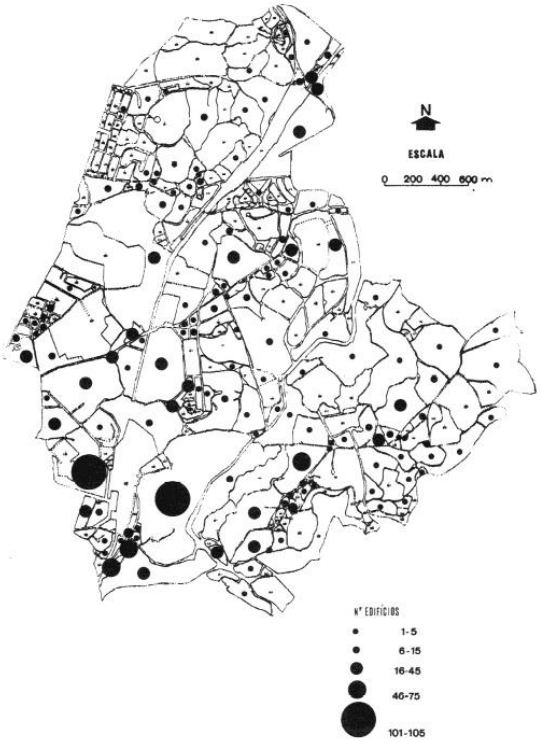
17 https://jardinshistoricos.pt/ad/833



19_Planta de Cadastro Origial- Estádio das Antas



20_Evolução da Mancha Construída de 1813 a 1980



21_ Número de Edifícios Anteriores a 1919

A QUINTA DE SALGUEIROS - NO CONTEXTO HISTÓRICO DO LUGAR DAS ANTAS

A quinta de Salgueiros está situada no lugar das Antas, uma grande área que transcende Campanhã, Bomfim e Paranhos. Este local está fortemente caracterizado pela sua história, devido a ser o local do antigo estádio do futebol clube do Porto, o conhecido estádio das Antas. Mas não só permanece conhecido por este marco referencial do estádio, como também pela sua escolha territorial para a construção de várias quintas, que retratam o território de Campanhã ao longo da sua constante expansão.

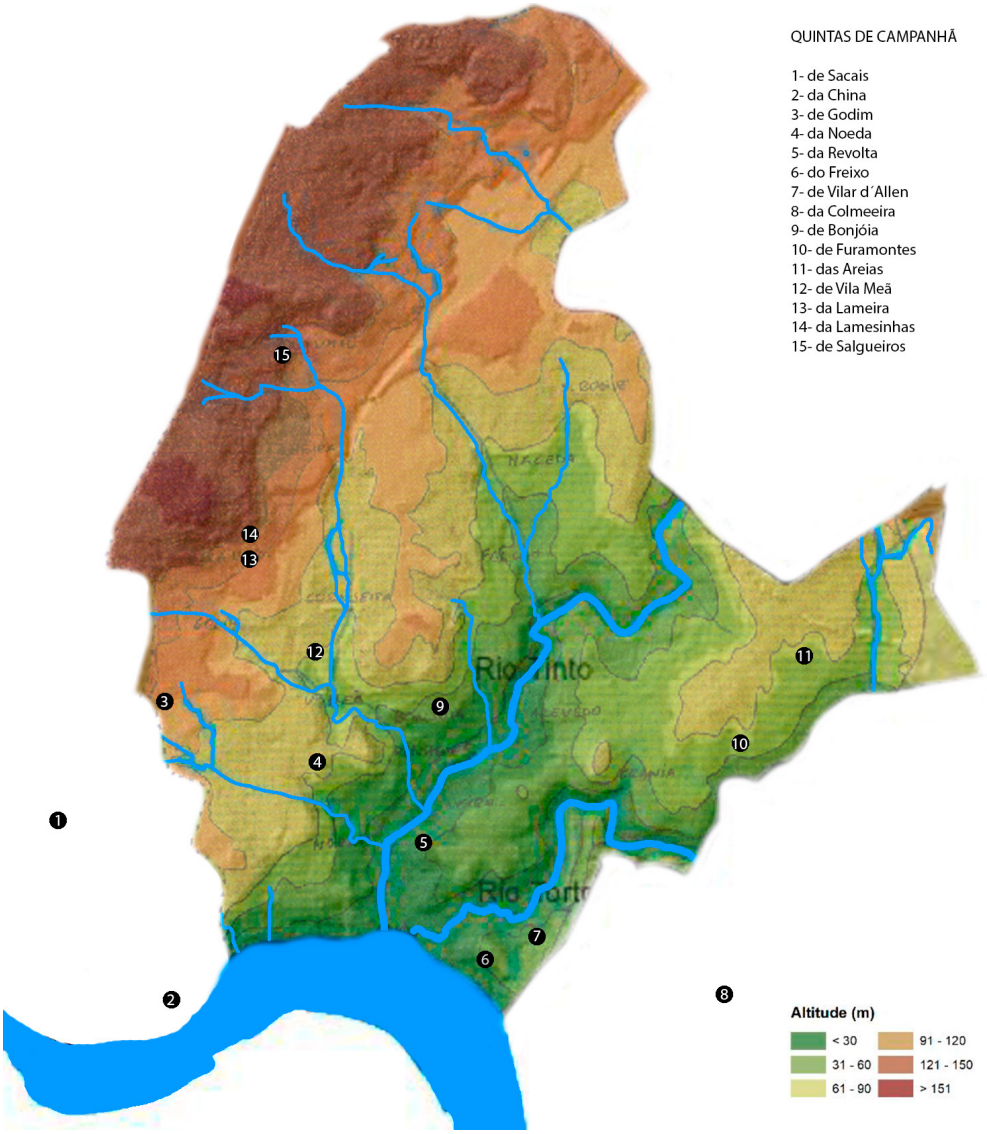
"Uma cidade não é obra do acaso, é antes o resultado de esforços empreendidos por sucessivas gerações."[18]

A expansão e a evolução do território das Antas, podem estar referente e diretamente associadas ao crescimento e a expansão da freguesia de Campanhã, o que torna válido a necessária avaliação histórica desta, para compreender o seu presente.

A história de Campanhã está obviamente articulada com a história de expansão da cidade consolidada, que era o grande Porto. De facto, esta expansão da cidade citadina intramuros começa pela forte influência do crescimento e criação de novas vias que se alargam por um maior território, e que irradiavam com o intuito de se conectarem com os espaços da periferia, "conquistando" assim os espaços rurais. Muitos destes crescimentos teriam início de algum tipo de referência, um marco arquitetónico que justificasse a expansão das vias rodoviárias com outros propósitos para além de rotas comerciais de fora da cidade. Deste modo começam a surgir, no século XV a XVI pequenos aglomerados, que estariam associados a vias principais, para um acesso facilitado e rápido ao centro da cidade e aos vários espaços da periferia. E ao contrário do que acontecia na cidade intramuros fernandina, em que a população procurava já espaços vazios para construção, na periferia havia uma irradiação de caminhos que penetravam para os interiores rurais, bastos na vegetação e com construções pontuais, isoladas e espalhadas pelo território.

Nesta época, inícios do século XVII, Campanhã era um dos territórios da área portuense com um numero muito reduzido de habitantes, aproximadamente 657 pessoas, tendo aumentado significativamente no final do século XVIII, para 3184, devido ao elevado número de intervenções urbanísticas planeadas para dar ordem ao que, até então estaria implementado um processo de urbanismo espontâneo, que estaria pouco ligado á obediência da necessidade de organização espacial, numa área para uma população cada vez mais numerosa. Até meados do século XIX, para além do desenvolvimento de pequenas aglomerações já existentes, como o lugar de Azevedo, lugar de Salgueiros e lugar de Contumil, a expansão do porto pouco afetou esta área, mas ao mais tardar, na época dos anos 40/50 e até finais deste século, é que se demostrou um forte crescimento urbano e uma intensa ocupação nas áreas centrais e mais a sul da freguesia de Campanhã. Estes crescimentos vieram pelo constante desenvolvimento e melhoria das vias existentes como novas para esta área.

18 CAMPANHÃ MONOGRAFIA, coordenação: Miguel Ferreira Meireles Agostinho B. Vieira Rodrigues "4 PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO"



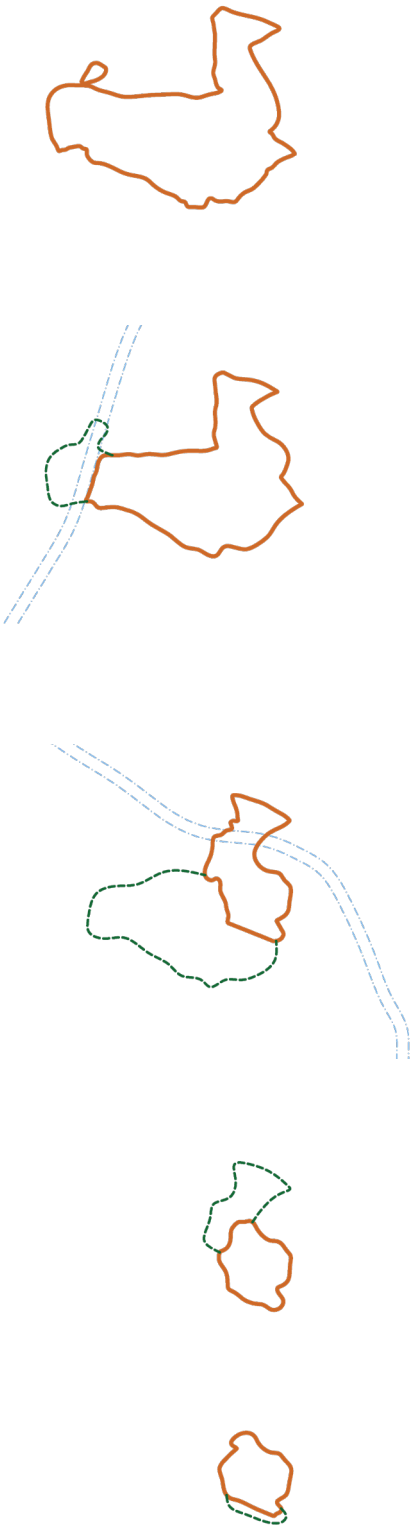
22_Antigas Quintas de Campanhã

Talvez a intervenção mais predominante e influente, e que afetou diretamente a área da Quinta em estudo, a Quinta de Salgueiros, foi a atual Avenida Fernão de Magalhães e algumas transversais a esta.

Avaliando que Campanhã é uma freguesia com desníveis topográficos significativos, e que proporcionam das melhores vistas panorâmicas de todo o porto e parte de Gondomar, com uma paisagem bastante arborizada e com aspeto de natureza intocável, rapidamente proporcionou uma escolha e procura deste território para a instalação e crescimento de uma comunidade de casas nobres e burguesas. Desta forma foram-se introduzindo na paisagem várias Quintas e Palacetes, tornando o local de características rurais, repleto de uma "arquitetura de bom gosto brasileiro" (Júlio Dinis-Uma família Inglesa), mas também com construções de Ingleses e Alemães como proprietários.

Algumas dessas Quintas são:
Quinta de Miraflores, de Lueda, de Benjói, de Sacais, da Vinagreira, da China, da Revolta, da Arcaria, do Valado, da Bela Vista, do Falcão, de Furamontes, de Salgueiros, da Vessada, do Prado, do Freixo, do Pinheiro, de Vila Meã, de Allen, das Lamesinhas, da Colmeeira, etc.
Como é obvio, muitas destas quintas já não existem devido ao crescimento natural da cidade e a apropriação dos seus espaços para novas construções.

ONDE É E O QUE É



23_ Evolução dos Limites da Quinta de Salgueiros de 1872 a 2022

CRONOLOGIA MORFOLÓGICA E TOPOGRAFICA DO LUGAR

Estas localizações pela periferia da grande cidade densificada, e nas zonas altas são especialmente escolhidas pelas boas condições climáticas e a sua posição privilegiada sobre a grande cidade, que permanece em plena e constante expansão. Desta forma, estes espaços, muitas vezes de recreio, ficariam pouco afastados do centro da cidade, mas num local longe do stress e inconveniências de uma cidade densificada.

Estes espaços da quinta, inclusive a casa senhorial, tiveram vários proprietários ao longo dos anos, o que despertou uma intervenção sobre os seus espaços em cada fase a que esteve sobre posse de um proprietário diferente. Esta Quinta pertencera á família Mesquita Ramalho, numa outra fase ao Jardineiro/Paisagista Jacinto de Matos, e mais tarde mudou para a posse de uma família de Ingleses, daí este espaço ter sido conhecido durante um período de tempo com o nome alternativo de Quinta dos Ingleses.

Apesar desta casa Senhorial ter assumido por muitos anos o estatuto de primeira habitação, esta também apresenta fatores que lhe podem ser descritivos como uma quinta de recreio, com os seus jardins barrocos emblemáticos e espaços abertos, como também pode ser descrita como uma Quinta de ofício e trabalho, já que por muitos anos era espaço também dedicado a agricultura, a criação de árvores de fruto, e mais tarde, com o Jardineiro/Paisagista Jacinto de Matos como proprietário, também foi um espaço de produção de vários tipos de flores e vegetação. Com esta variação de cultura que por ali passou, e com os seus espaços emblemáticos, esta Quinta era local onde vários membros da alta sociedade portuense frequentavam ocasionalmente para eventos pontuais, destacando assim este inegável lado cultural que a quinta trazia para o porto.

O caráter cenográfico deste conjunto é indicado pela forma como o arquiteto responsável faz a ligação dos espaços e como os integra num espaço mais amplificado, maioritariamente e caracteristicamente rural. Como uns jardins emblemáticos de caracter ao gosto barroco, esta construção central da casa senhorial não deixa esquecida uma linguagem formal que se dá a ver nas suas fachadas. Esta formalidade não apenas se vê no desenho das linhas organizadoras do projeto, como se pode apontar na integração de um espaço religioso assocado a Casa. Era típico de uma Quinta destas características ter sempre um espaço dedicado a fé, que poderia ser usado tanto pela família residente, como pelos trabalhadores que usavam o espaço. Para um melhor entendimento da evolução da Quinta ao longo do tempo, ou mais corretamente, a sua redução, e uma melhor apreensão visual dos espaços da Quinta, podemos observas nos próximos desenhos, esta mesma redução.

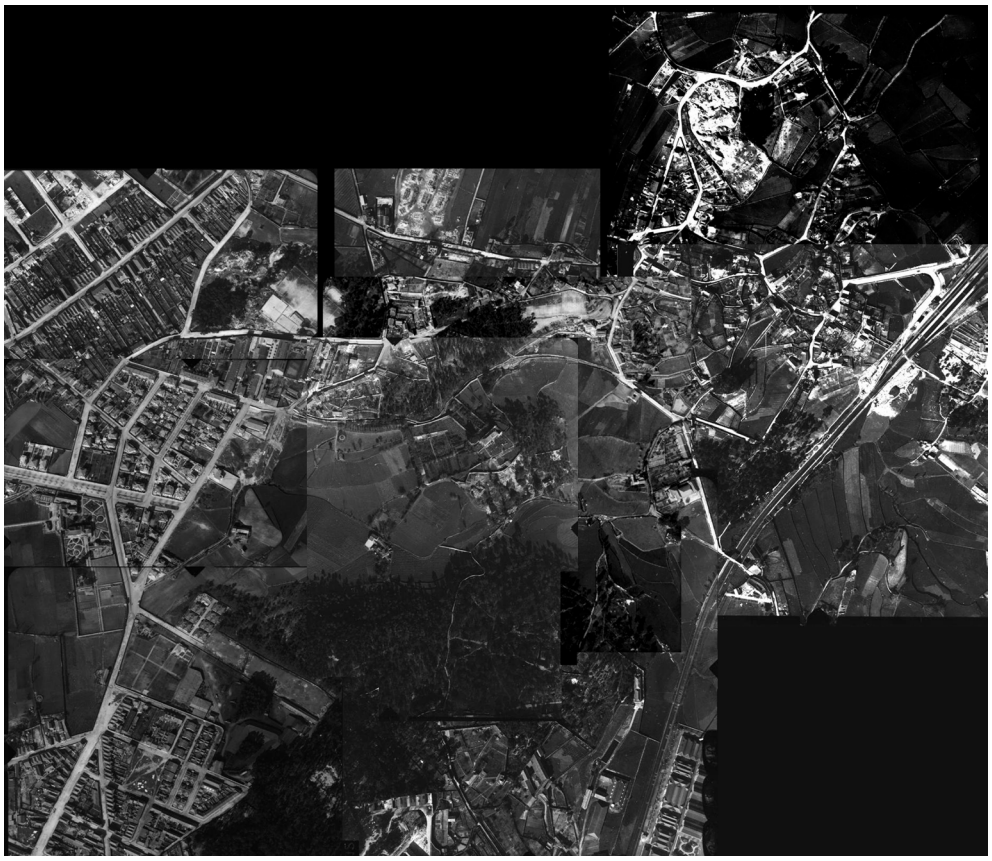
De seguida, nas próximas imagens, poderemos observar uma sequência de ilustrações provenientes, ou de desenhos, fotografias aéreas, ou imagens de satélite do local de intervenção ao longo do tempo, onde será possível analisar o seu crescimento e mutação territorial.



24_ Planta de Localização- 1834



25_ Planta de Localização- 1892



26_ Planta de Localização- 1939



27_ Planta de Localização- 1978



28_ Planta de Localização- 2003



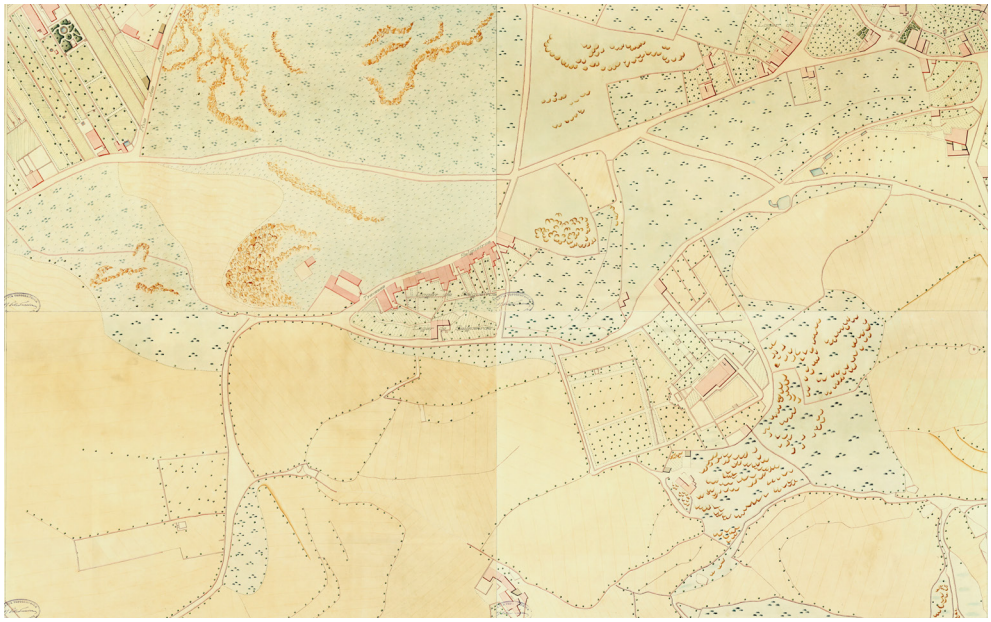
29_ Planta de Localização- 2004



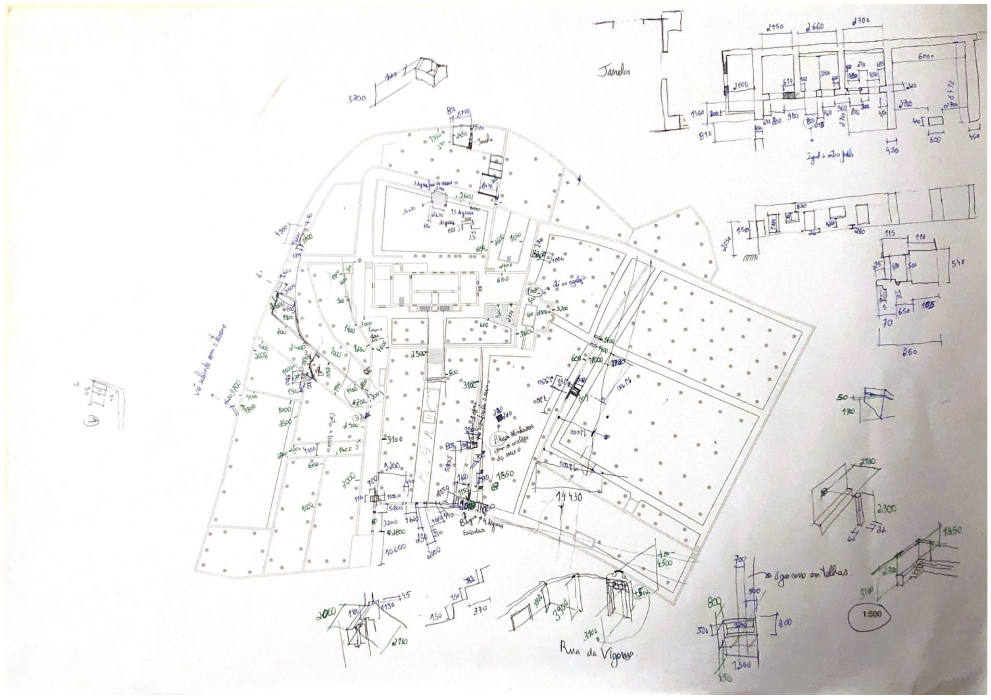
30_ Planta de Localização- 2007



31_ Planta de Localização- 2021



32_Planta de Telles Ferreira- 1892



33_Planta do Levantamento Métrico da Quinta de Salgueros

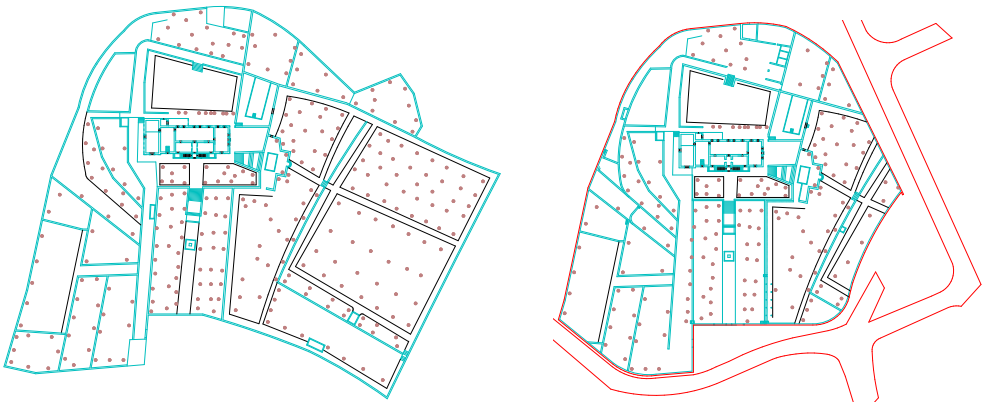
LEVANTAMENTO DO ATUAL - A QUINTA DE SALGUEIROS

Este capítulo “Levantamento do Atual” é dedicado a ilustração do levantamento de todos os espaços encontrados na Quinta, quer dos espaços exteriores como tambem da própria casa senhorial, e como se apresentam atualmente, feito através de desenhos, fotografias, e também de elementos de vídeo captados com um aparelho de vídeo aéreo (drone). Como o formato e os elementos desta dissertação são estáticos não é possível apresentar aqui os vídeos captados, pelo que ficam então apontadas fotografias aéreas tiradas com o mesmo aparelho. Como a captação destas imagens foi bastante intensiva, grande parte das captações mais importantes estarão presentes no capítulo dos anexos desta dissertação.

Muitos destes elementos apresentados neste capítulo são recuperados dos anexos do trabalho já realizado na unidade curricular de História da Arquitetura Portuguesa, realizado pelo autor e grupo no ano de 2020. Estas imagens são o resultado de constantes visitas ao local, não só realizadas em grupo, mas também mais recentemente pelo autor, para uma atualização de todas as informações e alterações realizadas até o presente.

A visita pelos espaços da quinta está atualmente muito condicionada, não só pelo facto da instalação de novos portões completamente fechados nas entradas, colocados recentemente pela camara do porto, impedindo assim o fácil acesso ao seu interior, mas também pela densa vegetação que torna quase impossível caminhar pelos espaços da quinta.

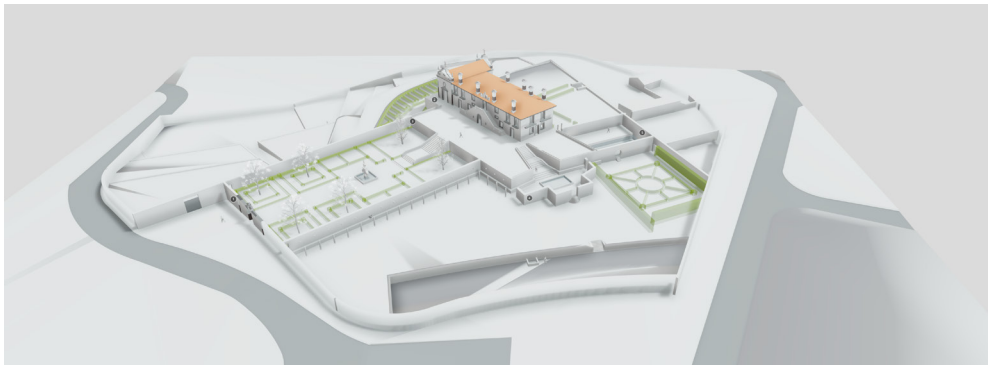
Estes desenhos aqui apresentados são o resultado do levantamento quer altimétrico dos espaços da Quinta, quer de valores métricos do cumprimento de muros estruturantes pontuais. Para este efeito houve um forte estudo sobre a planta de Telles Ferreira, redesenhando esta planta com ferramentas digitais atuais, atualizando assim os seus murros e dimensões referente ao que foi levantado ao longo das visitas ao local.



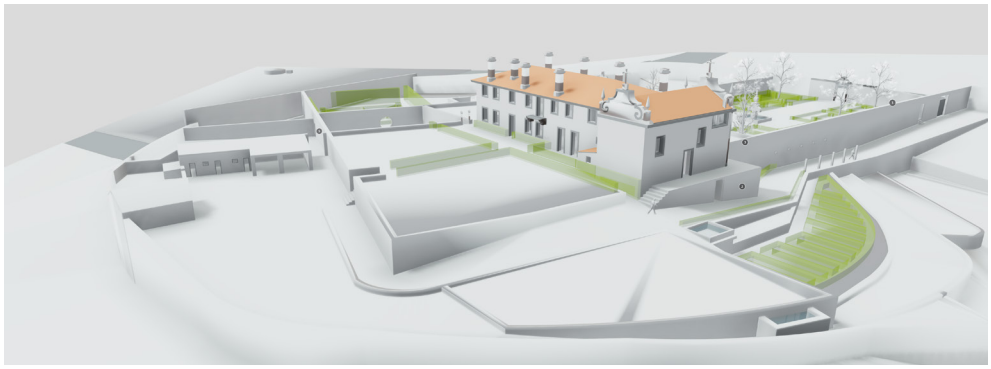
34 & 35_ Planta da Quinta de Salgueiros de 1892 vs 2022, Respetivamente



36_ Fotografia Aérea da Quinta de salgueiros e da CVI



37_ Vista 3D do levantamento da Quinta- Perspetiva 1



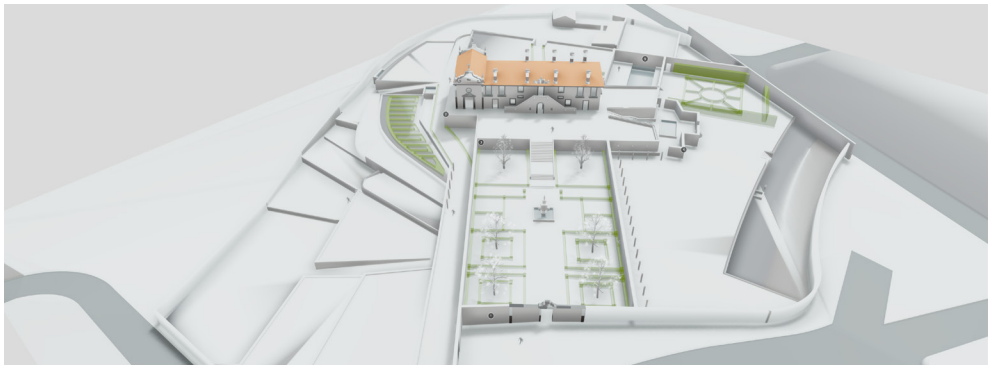
38_ Vista 3D do levantamento da Quinta- Perspetiva 2



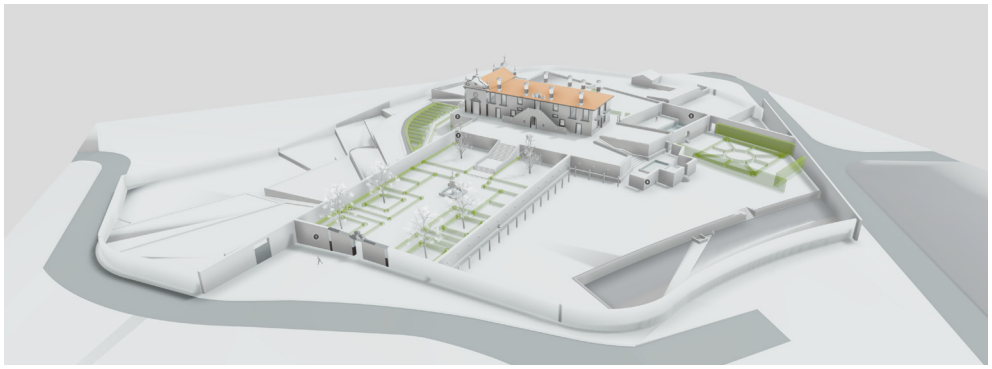
39_ Vista 3D do levantamento da Quinta- Perspetiva 3



40_ Fotografia Aérea da Casa Senhorial



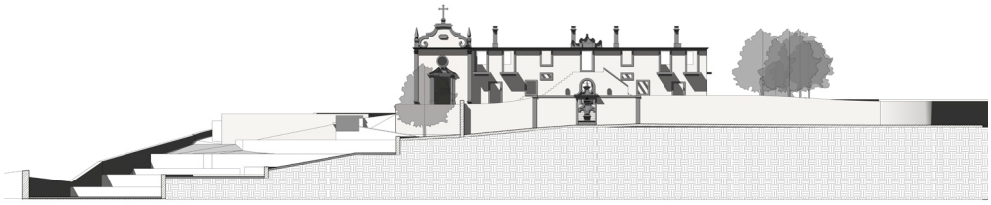
41_ Vista 3D do levantamento da Quinta- Perspetiva 4



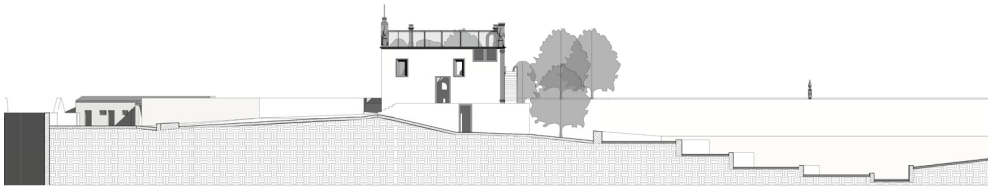
42_ Vista 3D do levantamento da Quinta- Perspetiva 5



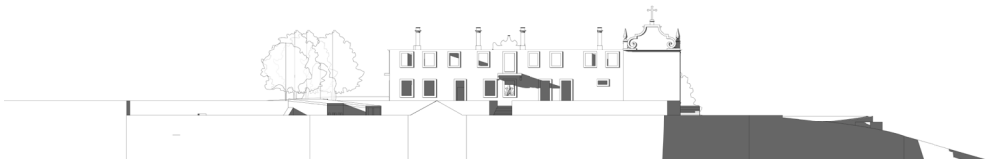
43_ Vista 3D do levantamento da Quinta- Perspetiva 6



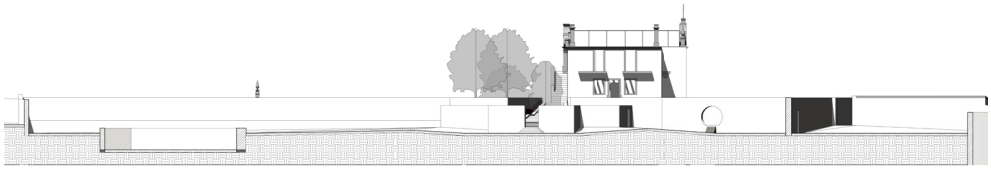
44_ Alçado Norte



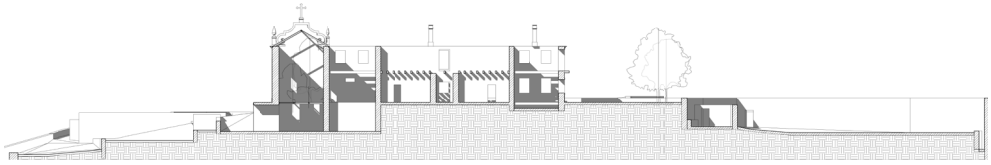
45_ Alçado Nascente



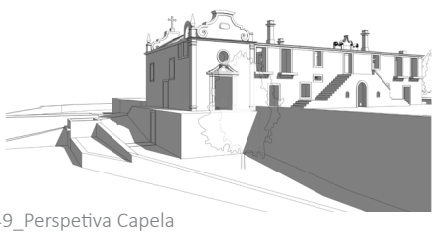
46_ Alçado Sul



47_ Alçado Poente



48_Corte Longitudinal

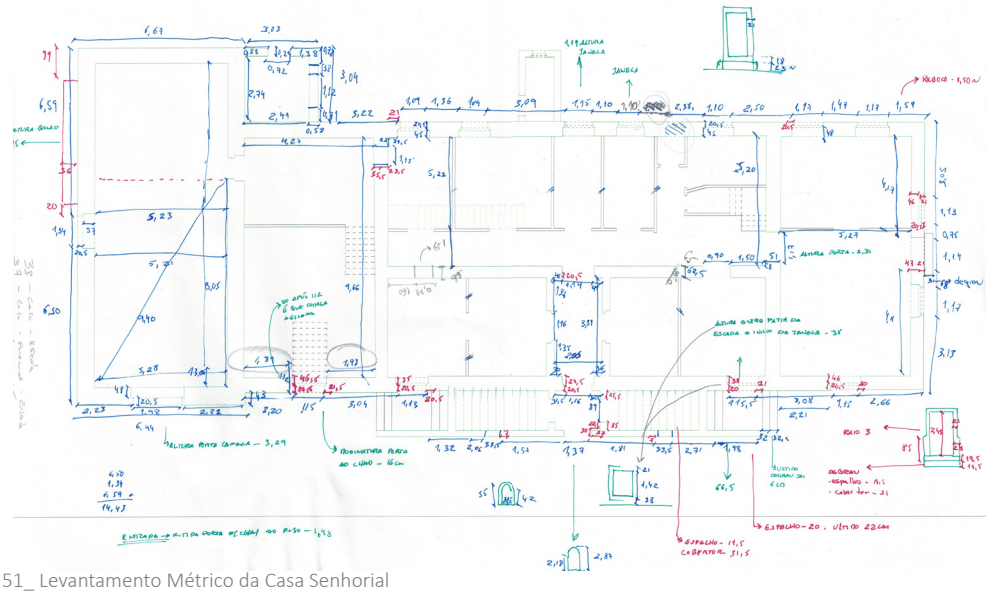


49_Perspetiva Capela



50_Perspetiva Espelho de Água

LEVANTAMENTO DO ATUAL - A CASA SENHORIAL



51_ Levantamento Métrico da Casa Senhorial



52 a 58_ Conjunto de Scans 3D da Casa Senhorial Atualmente

O QUE PODERÁ SER

O PODER DAS REFERÊNCIAS – A URBANIZAÇÃO NO ESTUDO DA CIDADE

Este capítulo do trabalho segue-se com o intuito de avaliar e interpretar o estudo da urbanização pelos olhos de outros autores de referência relacionados com o tema. Embora o estudo prático, e a proposta de intervenção no espaço da quinta se apresente como um tema distinto ao falado neste capítulo, é importante a investigação de todo um contexto teórico que se possa adequar em geral, a proposta pretendida.

Desta forma, os autores escolhidos para esta procura de referência são exemplares de um estudo urbanístico, quer meramente teórico quer, em certos casos, prático. Estes autores variam entre; os arquitetos italianos Bernardo Secchi e Leonardo Benevolo, o arquiteto Neerlandês Rem Koolhaas, o arquiteto francês Michel Corajoud, e o arquiteto português Nuno Portas.

O LUGAR

O lugar e o território urbano são um conceito tão complexo e extensivo como a própria bibliografia que o acompanha, deixando assim os seus temas e resoluções muito difusas e complexas de compreender e maioritariamente de atuar neste mesmo conceito. A questão do trabalho no espaço publico, num espaço de vivências diversas, e que tem oportunidade e capacidade de ser usado para programas variados, ajuda a tornar este conceito e este tema num dos mais complexos e extensivos de trabalhar na arquitetura. Ao pensar no espaço de lugar, espaço publico ou espaço vazio, há sempre uma tendência de se interpretar a espacialidade como o resultado inevitável do que está para além da massa construída. Esta forma, esta intenção, ou até mesmo, esta negligencia de pensar o espaço vazio, pelo o que ele dá a parecer, até pelo nome, espaço vazio, como tal, é uma forma de analisar este como não pensado, não desenhado, e que permanecerá como o espaço de sobra que a arquitetura "construída" lhe proporciona.

O espaço está relacionado com vários valores, quer sejam simbólicos quer com a sua história, é algo que permanece ligado ao valor ambiental, que por sua vez se conecta com o valor do corpo e escala humana. (Josep Maria Montaner). Desta forma o ato da prática da arquitetura também tem como sua vocação de compreender o lugar e entender qual a tendência a que o lugar tem capacidade de acolher, mas em contraponto, a arquitetura também pode ser vista e analisada como uma prática com a finalidade de construir o "lugar", e não só contruir como elemento singular isolado de uma massa volumétrica. (Norberg Schulz)

REGIONALISMO CRITICO NO CONCEITO DE LUGAR

Regionalismo Crítico pode configurar-se como uma tentativa de amenizar os impactos da globalização, mesmo na arquitetura, através de uma atitude critica que busca respostas de uma arquitetura e intervenção do "lugar" em específico. Regionalismo critico pretende aumentar a conexão entre a intervenção do lugar com o volume construído para esse mesmo lugar.

Mas qual destes parâmetros é que podemos qualificar como o correto? E será que há um que se pode identificar como o correto? Muitas das cidades contemporâneas são bastantes semelhantes, existe uma ausência de identidade, algo que reflita o processo de pensamento no seu desenvolvimento. Mas este processo pode ser até intencional. Pode haver uma procura de distanciamento da diferença, e existir uma aproximação a semelhança. Assim como a ideia do aeroporto, em que a sua configuração e base projetual é igual em todo o mundo, o que cria uma condição de globalização na arquitetura. Esta ideia pode também estar associada a construção das novas cidades, que cada vez mais se observa um conjunto de blocos, em que a sua organização "urbanística" pode ser aplicada e fundamentada noutro lugar. É estão que este debate do regionalismo critico pode ser contraposto a este processo. Mas o conceito da globalização no urbanismo também pode ser apontado até nas cidades antigas já consolidadas. Com as constantes intervenções e adaptações das cidades antigas, para um funcionamento mais atual, podemos analisar os seus programas e serviços, e até mesmo o seu funcionamento, muito semelhante a muitas cidades do mundo. Este fenómeno também é muito ligado ao facto de, como aponta Leonardo Benevolo, a cidade refletir a sociedade a qual está associada, e que, consequente das novas tecnologias e comunicações, como a internet, muitos grupos de sociedades no munto tem características semelhantes. O mundo está cada vez mais pequeno. Esta convecção entre o mundo, embora seja benéfico em todos os sentidos perante a sociedade, economia, política e sobretudo cultural, traz consigo uma tendência de globalização, que pode ser refletida na arquitetura e na organização urbanística das novas cidades. Com isto em mente, a individualidade do lugar, ainda permanece como um dos fatores mais influentes na organização espacial das cidades.

Para Siza, a ideia de intervenção no lugar é algo que tem como base a preservação de confluências de vários aspetos culturais distintos, que se organizam para serem tomados como estímulos de um processo criativo do projeto de intervenção. De um modo geral, pode se entender a obra de Siza como uma espécie de articulação singular entre os fatores que revelam a ideia do projeto e interpretação do lugar, com os fatores e elementos históricos e culturais que fazem do lugar, mantendo um caracter de construção com a ideia de lugar como exercício focal na conceção do projeto.

Para Rem Koolhaas parece ser mais eficiente "projetar articulando as "dissonâncias" da cidade e partir do que realmente ela é, e não do que ela deveria ser, pois a sua arquitetura procura considerar a complexidade da realidade urbana contemporânea sem se impor a ela."[19]

19 DANTAS, Carlos Felipe Albuquerque, A transformação do "lugar" na arquitetura contemporânea, São Paulo, Annablume, 2011, Pág. 99

Na ideia de intervenção de Koolhaas, seria mais correto apontar na sua ideia de projetar para o espaço, não com uma interpretação do lugar, pois ele não se impõe apenas nas características especificas do espaço individual ao qual está a intervir, mas abrange um conhecimento mais amplo daquilo que entende como o espaço contemporâneo. Dai seria mais correto deixar de usar o termo de intervenção no "lugar" para Koolhaas, e interpretar este espaço como "espacialidade contemporânea". É interessante comparar estes dois arquitetos já falados. Ver a perspetiva de Siza e a intervenção de Koolhaas, no que se trata da intervenção do "lugar". Embora tenham ambos uma perspetiva completamente diversa um do outro ambos trabalham exatamente os mesmos problemas, de que forma a intervenção projetual atua no espaço envolvente e no lugar? No entendimento do Siza e na sua obra, observamos um conceito mais conservador da paisagem, e uma abordagem menos intrusiva no lugar. Quando me refiro a menos intrusiva não quero dizer que não atua no espaço, ou que não o modifica, mas sim mantem o seu caracter original e as suas ligações culturais e históricas ao que era originalmente. Existe uma aproximação mais pessoal entre a arquitetura construída, e os espaços do pré-existente. Em Koolhaas esta forma de intervenção é um pouco diferente. Ele não olha para o lugar como um espaço individualizado, mas sim, como já referido anteriormente, com uma espacialidade urbana, em que os seus elementos podem ser recriados e adaptados para outros espaços com as mesmas características.

"Não se trata de onde a construção está, mas dos lugares com que ela se relaciona é que lhe definem a importância." (Nesbitt, 2006, 366)[20]

"O projeto não é mais que uma reação as transformações da cidade, nem menos que uma constatação da realidade."[21]

As intervenções arquitetónicas do século XXI deparam-se com novos níveis de reflexões e interpretações da cidade, que promovem um novo olhar diversificado sobre as questões do que é o "lugar". Com isto vem o tema das mutações dos programas das volumetrias existentes, que exigem uma nova intervenção e interpretação do espaço associado, o que se reflete perfeitamente nas características do território a intervir neste trabalho, já que o programa da Quinta de Salgueiros original, as características de Quinta de recreio e casa senhorial não se aplica ao seculo XXI, já que este espaço pertence a câmara do Porto e tem um propósito de caracter público, e que uma requalificação do espaço é fundamental para dar uma nova vida ao lugar e para o integrar de forma mais coerente com a organização do futuro parque urbano e também da própria cidade do Porto.

20 DANTAS, Carlos Felipe Albuquerque, A transformação do "lugar" na arquitetura contemporânea, São Paulo, Annablume, 2011, Pág.107
21 DANTAS, Carlos Felipe Albuquerque, A transformação do "lugar" na arquitetura contemporânea, São Paulo, Annablume, 2011 Pág.112

RELAÇÃO ENTRE A CIDADE CONTEMPORÂNEA COM A VERTICALIDADE

A maioria dos casos das cidades ao qual podemos chamar de metropolitanas e contemporâneas, tem as suas linhas de desenho, a sua natureza essencial da arquitetura, e, que para Koolhaas, formam uma condição para serem chamas de metropolitanas, são maioritariamente verticais. Quase todas possuem esta característica de verticalidade na arquitetura, que pode simbolizar também um alcance de diferentes arquiteturas e linguagens numa única só. Este objeto de linguagem diversificada era alcançado através dos diferentes pisos desta verticalidade, que poderiam ser pensados como projetos independentes uns dos outros. Nem sempre observamos estes tipos de linguagem diversificada numa mesma construção, mas um dos exemplos dados por Rem Koolhaas é o edifício da biblioteca de França, em Paris, de 1989, apresentado em "Urban Projects 1985-1990". Este contempla com um programa para cada piso, isto é, todo ele é uma biblioteca, mas cada piso representa um gênero de tipo de literatura. Cada piso tem um próprio tema no programa, não só associada a linguagem de escrita dos livros, como a linguagem do estilo de arquitetura. Esta referência também pode ser transportada para a ideia do espaço publico no território de referência do projeto desta dissertação, já que o objetivo de reabilitar os jardins originais entre muros da Quinta podem ter este suposto tema de individualidade dos programas em cada espaço, mantendo uma universalidade clara de um todo espaço verde global.

"Paradoxalmente, a cidade contemporânea é o lugar da não contemporaneidade, que nega o tempo linear, a sucessão ordenada de coisas, de acontecimentos e comportamentos dispostos ao longo da linha do progresso como foi imaginado pela cultura moderna."[22]

"A cidade contemporânea é por natureza instável; sede de mudanças continuas que provocam formação de situações críticas e soluções transitórias dos problemas: casas que viraram fábricas, fábricas que se transformaram em teatros, escolas que viraram casas, jardins que se tornaram parque, ruas tranquilas que viraram eixos de tráfego intenso. O fim da modernidade, como já o foi para a cidade antiga, é, ao mesmo tempo, obsolescência e desativação, transformação e reutilização de muitas de suas partes: desativação de fábricas, de escolas e quarteis, de molhes, de ginásios esportivos, de estações e pátios ferroviários. Mescla, diversificação e obsolescência, sucedendo-se, destroem valores posicionais e continuamente propõem novos problemas culturais: quer digam respeito aos graus de tolerância, compatibilidade e incompatibilidade em relação ao outro, a suas práticas, a seus usos e atividades, aos ruídos, aos odores, quer se refiram ás temporalidades sobrepostas e entrecruzadas."[23]

22 SECCHI, Bernardo, Primeira lição de urbanismo, Roma, Laterza, 2017, Pág. 90
23 SECCHI, Bernardo, Primeira lição de urbanismo, Roma, Laterza, 2017, Pág. 91

PROCESSO DE EVOLUÇÃO DA CIDADE/SOCIEDADE

A história da evolução da cidade está diretamente relacionada e influenciada pela história do crescimento das técnicas dos meios de transporte, armazenamento de bens, armazenamento de informações e por fim o "armazenamento" de das próprias pessoas.

"As formas das cidades, quer tenham sido pensadas de raiz quer sejam o resultado mais o menos espontâneo de diversas dinâmicas, cristalizam e refletem as logicas das sociedades que acolhem."[24]

É difícil de caracterizar uma cidade de moderna, pois este termo pode ser classificado como muito ambíguo no que se trata de caracterizar ou identificar o processo de urbanização de uma sociedade. É difícil dizer quando começa os tempos modernos e que implicações essa data tem para o tema da urbanização, seria mais correto a definição de "modernização" já que a modernidade não se pode classificar como um estado definido, como algo que estagnou e que pode ser classificado de forma não complexa, não é a dinâmica do preto e branco. Esta modernização é um fenómeno de processo de transformação continua de uma sociedade.

Estas transformações, e evoluções da transformação urbana dos tempos modernos podem ser descritos por dois períodos de tempo dentro da "etapa" a que chamados de modernidade. Esta modernidade pode ser descrita em 3 fases, uma primeira que abrange o período dos tempos modernos que conhecemos, desde o final da idade media até ao início da revolução industrial. Uma segunda que é caracterizada pela própria revolução industrial e pelas novas técnicas que todo este período traz, tanto no pensamento capitalista como nos pensamentos técnicos de apropriação do lugar central numa sociedade. A combinação das duas primeiras fases efetuou-se progressivamente, mas as amplitudes das mudanças foram bastante drásticas e repentinas, o que proporcionou bastante mudanças nos vários setores da sociedade, provocando instabilidades e consequentemente crises, tanto económicas como sociais, políticas e até religiosas. A terceira fase do processo de modernização é a adaptação destas interferências que as duas primeiras fases causaram. "A conceção, a construção e o funcionamento das cidades não escapam a estas transformações e a estas crises".[25]

Esta cidade moderna, ou mais precisamente, esta fase de modernização pode ser descrita ou caracterizada também em 3 fases.

Uma fase inicial que está muito ligada a revolução industrial, onde a mobilidade das pessoas, das informações e dos bens, é o centro desta mutação. As existências de crescimento e de funcionamento das cidades passam a gerar uma forte mobilização das inovações tecnológicas para dar alcance ao crescimento dos meios de transporte, e de armazenamento de todo o tipo de bens, quer sejam materiais coletivos, quer individuais.

24 ASCHER, François. Novos princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Lisboa, Livros Horizonte,2010 Pág.22
25 ASCHER, François. Novos princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Lisboa, Livros Horizonte,2010 Pág.26

Desta forma o crescimento destas cidades mantem como base o cruzamento entre ofício e residencial, onde o desenvolvimento dos transportes públicos se torna fundamental neste aspeto. Mais tarde com o desenvolvimento do automóvel individual e de um todo crescimento de equipamentos domésticos, exige um sistema combinado de produção e consumo em massa, que será responsável pelo desenvolvimento repentino de uma larga rede de mobilidade como uma nova base de expansão urbana. Uma segunda fase deste desenvolvimento de modernização pode ser descritiva pelo processo de adaptação das mesmas cidades consolidadas, a cidade industrial. Desta forma as novas cidades e os novos processos de urbanismo enfrentam assim uma verdadeira revolução urbana, quando comparados as mutações das cidades e objetos arquitetónicos da primeira fase desta revolução urbana moderna. Os principais "fundadores" tanto práticos como teóricos neste aspeto, e nesta fase da história do urbanismo são o, Haussmann, Cerdà, Sitte, Howard e Le Corbusier, que trabalharam conceitos em vários países, com dinâmicas de desenvolvimento diferentes, mas todos com uma base organizadora em comum. Este plano tem uma expressão de racionalidade simplificadora no seu desenvolvimento urbano, tento como base os zoneamentos monofuncionais, e uma urbanização organizada por hierarquias, tanto funcionais, políticas como sociais. Esta segunda fase não quer eliminar por completo a existência da cidade desenvolvida na primeira fase, embora exista casos de grandes demolições para estes novos planos, como as do Haussmann, este plano tem como objetivo a complementaridade do que já existe. "Assim uma vez mais, as cidades demonstram capacidade para sedimentar as diferentes camadas da sua história, esto é, a sua função de palimpsestos: pergaminhos que não mudam, mas acolhem sucessivamente escritos diferentes."[26]

Para cada uma das duas primeiras fases da modernização, estão associadas mutações profundas na maneira de produzir e de utilizar o território das cidades. Com isto quero dizer que estamos agora presentes na terceira fase da revolução urbana moderna, ao qual podemos lhe chamar de terceira fase do que já falamos anteriormente, ou poderemos lhe dar uma caracterização completamente nova. Será que faz sentido chamarmos as mutações atuais e ao desenvolvimento urbano atual de revolução urbana contemporânea? Esta fase é a transição do seculo XX para o XXI, e é nesta fase que o Plano de pormenor das Antas se encaixa, 2002.

Neste aspeto, um dos maiores fatores para o desenvolvimento económico das cidades baseia-se, efetivamente, e cada vez mais, nos seus aspetos de acessibilidade, ou seja, na sua relação e conexão com os meios de transportes. Neste tema de desenvolvimento económico, a camada jovem, trabalhadora da classe média e média-alta torna-se o foco de atratividade para um maior desenvolvimento das características do planeamento urbano. Desta forma colocam-se no centro do desenvolvimento urbano a "qualidade de vida, os equipamentos educativos, a cultura, os lazeres e a própria imagem da cidade."[27] Todos estes aspetos podem ser apontados na visão geral do desenvolvimento dos equipamentos propostos para o Plano de Pormenor das Antas.
Ascher também aponta que o espaço urbano está cada vez mais, mais individualizado, criando apontamentos que se exprimam de forma mais elucidativa no que se trata a individualidade de cada pessoa. O meio urbano está cada vez mais a dar resposta e a proporcionar um maior espaço de crescimento no que se trata a cultura individualista da sociedade moderna.

26 ASCHER, François. Novos princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Lisboa, Livros Horizonte,2010 Pág.30
27 ASCHER, François. Novos princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Lisboa, Livros Horizonte,2010 Pág.54

Este fator pode estar explicito nos meios de transporte, o carro, mota, bicicleta, patins, etc., todos exprimem á sua maneira uma experiência crescente de autonomia, e que o espaço urbano tem de ser capaz de dar resposta a todos. Esta ideia de autonomia torna-se numa obrigação na medida em que a sociedade se organiza sobre a base desta já referida individualização.[28]

O conceito de urbanismo moderno é sustentado pelo seu programa a longo prazo. Determina os princípios de organização espacial para depois realizar o seu desenvolvimento consoante as realidades do presente e avaliando quais as alterações e prevenções para o futuro, sempre dentro de um quadro já estabelecido. Neste contexto podem ser dados como exemplo os planos diretores, que tentam estabelecer um controlo sobre o futuro e reduzir a incerteza, realizando um projeto de conjunto, uma organização de coletivo. Desta forma é necessário encontrar meios para qualificar e quantificar as características associadas a um lugar específico, dependendo do seu contexto, do seu ambiente, das suas acessibilidades, dos equipamentos coletivos e todo o tipo de serviços urbanos. Todos estes pontos tornaram-se essenciais para um planeamento urbano atual, devido a complexidade e a crescente diversidade dos territórios e das próprias praticas urbanas, que tem como objetivo alcançar uma finalidade mais subtil e nemos premeditada, valorizando um estatuto de equidade. Com isto em mente estes percalços são alcançados com o valor do projeto ultrapassar o valor dos meios. Assim, este tipo de urbanismo consegue alcançar uma proposta mais criativa, pois mobiliza várias competências profissionais e muito mais elaboradas, mesmo que o plano seja mais restrito, mais controlado.

Um dos fatores que mais é influente na caracterização de uma cidade pode ser o seu processo de densificação. Este processo sempre foi reconhecido como potencial para a economia de meios, nomeadamente no tema da mobilidade, e crescimento económico local. Atualmente e mais que nunca, o contexto de metropolização é o mais acertado na caracterização do que torna uma cidade mais dinâmica no que se trata de mercado de trabalho variado, e onde a gama de atividades e equipamentos são mais abrangidos na sua totalidade, e no que se trata do acesso fácil a mobilidade. De uma outra foram podemos ver este processo de urbanização como o tema da cidade genérica, onde a podemos classificar em três pontos claros. Estes elementos são as estradas, os edifícios e os espaços verdes/natureza. “Todos eles coexistem com relações flexíveis, aparentemente sem motivo, numa espetacular diversidade organizativa. Qualquer dos três pode dominar: por vezes a estrada perde-se, e volta a encontrar-se serpenteando num desvio incompreensível; por vezes não vemos edifícios, só natureza; depois, de modo igualmente imprevisível, vemo-nos rodeados só por edifícios. Em certos pontos assustadores, as três coisas estão simultaneamente ausentes.”[29]

Desta forma um plano geral urbano no contexto da totalidade de uma cidade metropolitana, é responsável por estes temas e organizações mais complexas de mobilidade, e em termos mais locais existem os planos organizadores que respondem aos objetivos finais que os planos anteriores tentam abastecer. É neste sector que entra o já analisado plano de pormenor das Antas, onde existem estes três elementos falados, organizados e em processo de concretização por ordem de importância no território.

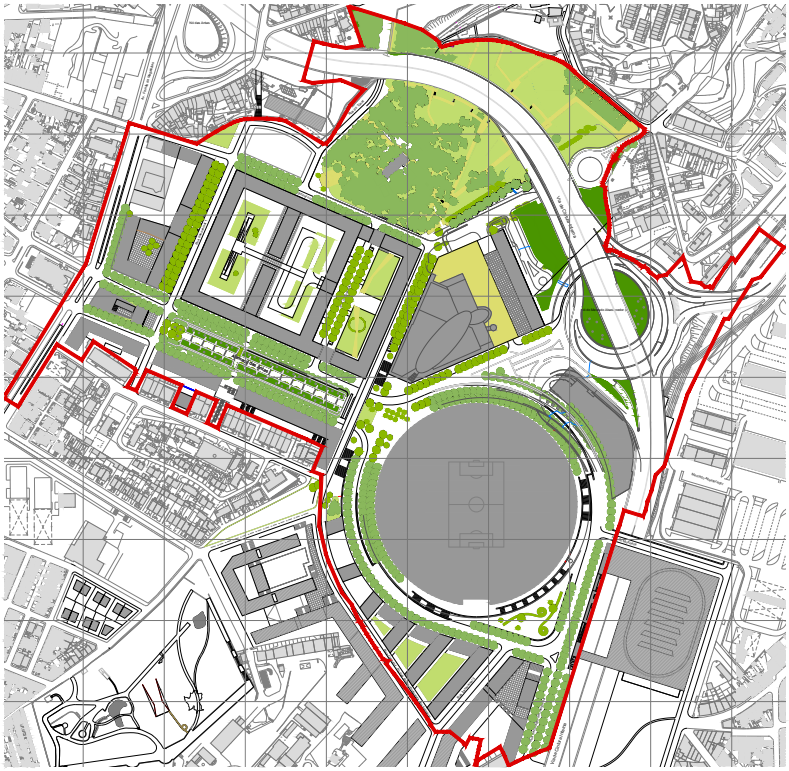
28 ASCHER, François. Novos princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Lisboa, Livros Horizonte,2010 Pág.67
29 KOOLHAAS, Rem, Três textos sobre a cidade, Barcelona, Gustavo Gili, 2010, Pág. 46

As estradas, como rede de mobilidade, os edifícios, como objeto de promoção de atividades económicas e crescimento habitacional, e por fim os espaços verdes, como espaços dedicados ao lazer, tranquilidade e em geral a saúde mental da população. O Plano de pormenor das Antas encontra-se atualmente no ponto do crescimento habitacional, que mais tarde irá carecer de um grande espaço verde que o acompanhe, e que é o foco do projeto deste presente trabalho.

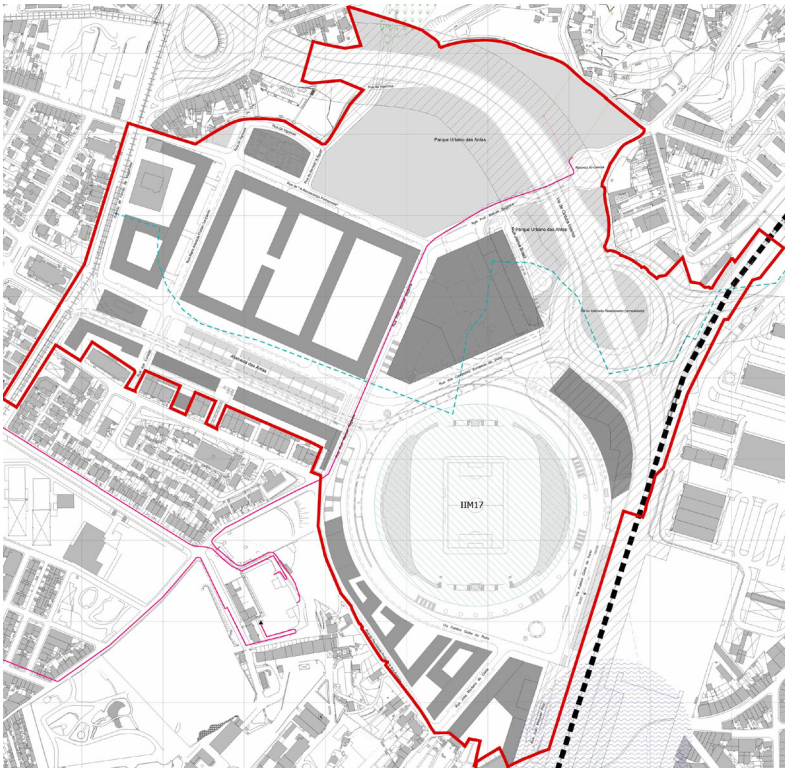
RELAÇÃO DE CIDADE E SOCIEDADE

A cidade pode ter dois sentidos. Um primeiro indicando o conceito de uma organização de sociedade civil concentrada e integrada. Um segundo para indicar o cenário físico de onde essa mesma sociedade se pode integrar. É bastante importante a distinção destes dois partidos do conceito de cidade, já que o segundo, o formato físico, ainda pode ser encontrada e estudada hoje quer sejam em ruínas quer em pleno funcionamento. Já o primeiro, o conceito de cidade como sociedade, este está em plena e constante mudança, e até em casos exemplares já a muito que desapareceram, mas a sua pegada física permanece.

Este é um aspeto bastante interessante, em que a cidade como sociedade já não existe, mas a sua forma física de cidade consolidada permanece, dando espaço para a criação de uma nova cidade/sociedade no mesmo ambiente físico. Transcreve uma ideia de nova cidade dentro da cidade, de uma nova apropriação física do que já foi, para uma adaptação do que pode ser. Um dos tópicos mais importantes neste sentido de apropriação da cidade antiga é a nova adaptação aos meios de mobilidade, já que a "nova cidade", com todos os serviços e programas associados, tem que dar a funcionar através dos mesmos meios disponíveis da cidade original, ao qual não está adaptada para os novos programas. Isto implicou a era de construção da mobilidade subterrânea, que, com o aumento da população densificada, e o aumento das restrições rodoviárias na cidade, implicou uma adaptação de transportes públicos que não ficassem retidos com os mesmos congestionamentos que os tradicionais. Dai existir um aumento significativo no investimento deste tipo de transportes, que, como claro exemplo podemos usar a cidade do porto, onde a rede ferroviária do metropolitano está em constante expansão, devido a procura elevada dos seus cidadãos a este tipo de mobilidade não só, mais económica, conveniente como também sustentável.



59_ Plano de Pormenor das Antas- Planta dos Espaços Verdes 2013



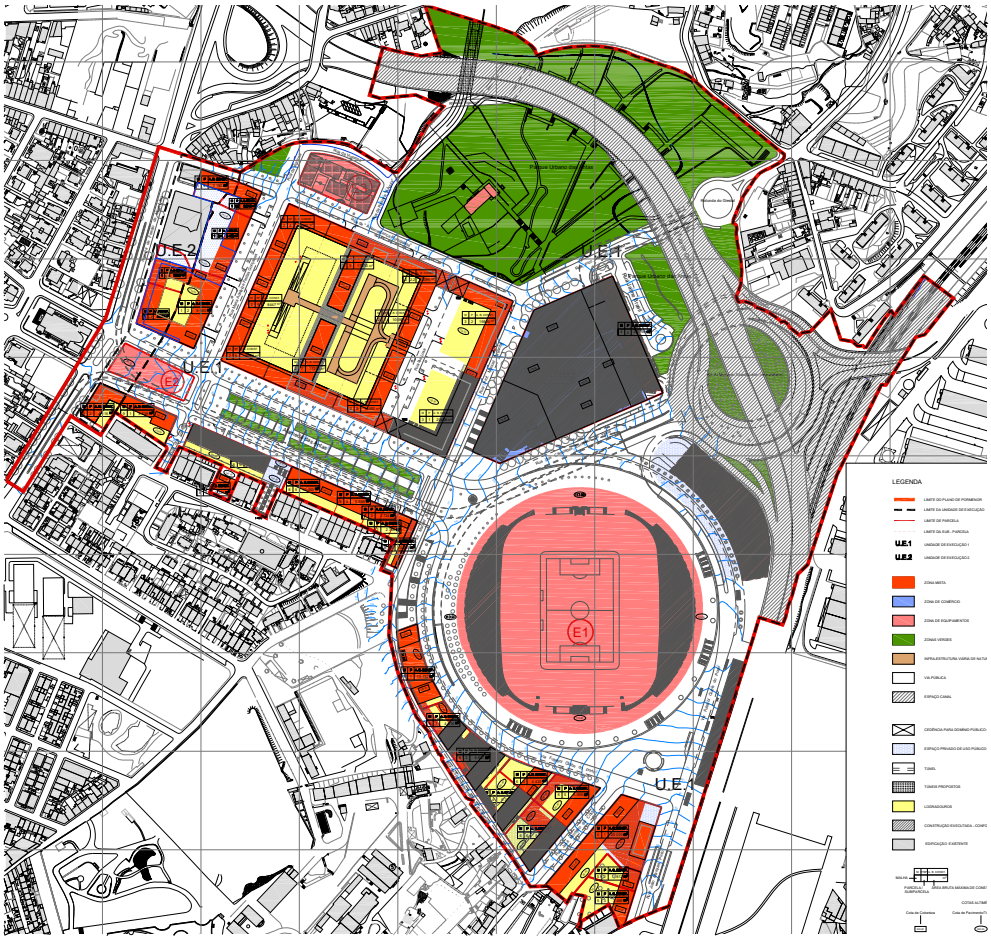
60_ Plano de Pormenor das Antas- Planta de Condicionantes 2014

PLANO DE PORMENOR DAS ANTAS - ANÁLISE CRITICA DA PROPOSTA

A câmara municipal do porto decidiu levar a cabo um grande projeto ambicioso de uma intervenção urbana para o território das Antas, reabilitando uma vasta área onde se localizava o antigo estádio das Antas, uma diversa rede de edifícios industriais, terrenos de pertença a camara e também espaços privados desqualificados que permaneciam ao abandono. Este grande projeto teve o nomo, como já referido em alguns momentos desta dissertação, de Plano de Pormenor das Antas. O elemento focal e que foi o pilar central na dinamização desta área e que está como centro organizador, no que diz respeito a prioridade de acessos e serviços associados, é o novo estádio do Futebol Clube do Porto. Este pilar nesta intervenção urbana vem pela necessidade de acomodar a competição europeia de futebol de 2004, o que suscita a oportunidade da criação do plano para a dinamização de toda esta área, e não apenas no estádio, estabelecendo uma estrutura de espaços públicos diversificados e o redesenho da malha urbana circundante, e assegurando uma boa circulação com todos os bairros mais próximos, realçando a importância da articulação com o que está para alem dos limites da área de intervenção do Plano de Pormenor. A câmara do porto não desperdiça esta oportunidade de investimento para garantir um forte principio na mobilidade da zona das Antas e da sua envolvente, atenuando assim o efeito de barreira que a VCI e a linha de ferro trazem para estas zonas residenciais, abrindo assim varias ligações urbanas para todos os bairros envolventes, promovendo a deslocação e criando condições para um crescimento de atividades geradoras de emprego e serviços a comunidade, com um volume de população residente que acentua a ideia de centralidade deste território.

Um dos maiores impactos que este plano resulta para a zona das antas é na sua proposta do crescimento habitacional da área. Estão previstos um crescimento de aproximadamente 2750 apartamentos familiares, o que resulta numa estimativa de um crescimento populacional de 8500 pessoas. Até ao momento presente, já foram construídas vários destes edifícios habitacionais, tanto na zona mais a norte, como na zona a sul do estádio do Dragão. Mas atualmente, entre 2021 e 2022 houve um impacto significativo no investimento destes edifícios habitacionais, sendo que as construções já iniciaram e são previstos, só entre estes três complexos um acréscimo de 1 287 apartamentos, 1014 no “ANTAS ATRIUM”, que iniciou para já a primeira fase de seis, 182 para o “ANTAS GREEN”, e 93 para o “ANTAS BUILD”. Com estes avanços rápidos da evolução do plano, o próximo passo de investimento seria o redesenho e organização do parque urbano das Antas e os jardins da Quinta de Salgueiros, já que a demanda de um espaço verde publico nesta zona vais ser exponencial, devido ao número de novos residentes e à potencialização do crescimento económico da área.

Em analise agora do desenho organizador do plano em si, este já sofreu algumas alterações em relação ao seu objetivo inicial, quando foi aprovado em 2002. Duas das alterações mais significativas no desenho e na organização espacial da zona das antas, é o local do atual shopping Alameda, onde originalmente estava previsto alguns edifícios de habitação e parte de um complexo desportivo.



61_ Plano de Pormenor das Antas- Planta de Implantação 2013



62_PDM Estudos Urbanísticos- Projeto de Arquitetura Paisagistica- Parque das Antas

Como podemos observar hoje, a alteração do programa desta área foi bastante radical, mas necessária na ajuda do crescimento económico da região, já que um centro comercial a par com o estádio do Dragão é uma combinação bem pensada para a dinamização do local, o que traz exponencialmente o incentivo de continuação de expansão da capacidade habitacional. Estas alterações trazem os seus desafios, já que duas estruturas deste caracter de escala, acompanhados por um hotel, também associado ao volume do shopping, revela que a estrutura viária tem que ser bem estruturante e funcional, o que neste plano resulta com bastante eficiência, pelo seu acesso fácil a VCI e redesenho do nó das Antas, tornando este mais eficiente para as novas vias automóveis. A segunda alteração da organização do plano é no espaço do antigo Matadouro do Porto, que no plano original estava previsto a sua demolição e a construção de um novo pavilhão desportivo de multiactividades, com uma ligação superior a VCI para os espaços do estádio do Dragão. Atualmente este espaço permanece com a ruína do Matadouro, e está previsto uma reabilitação completa do espaço com uma revitalização dos seus espaços, agora com um programa mais publico e cultural. Este complexo será casa para vários tipos de atividades, quer sejam ligados a comercialização, programas culturais, e atividades sociais. Atualmente o projeto de referência para este espaço é o do atelier OODA, vencedor do concurso internacional.

Em analise ao resto do plano, este mantem em geral todas as dinâmicas do objetivo original, tirando apenas pequenos pormenores nos espaços perto da Avenida Fernão Magalhães, onde os edifícios de habitação coletiva fazem a dobra da Rua Maria Adelaide Freitas Gonçalves com a nova Alameda das Antas até a própria Avenida Fernão Magalhães. Este quarteirão estaria demarcado apenas com estes complexos habitacionais e o edifício da torre das Antas. Atualmente os terrenos na avenida já estão consolidados com construções habitacionais privadas, alterando assim o grafismo espacial originalmente pensado para o local. Em relação aos planos para os edifícios a sul do estádio do Dragão, estes já estão consolidados, e os que permanecem por surgir, ainda tem os seus terrenos vazios, desqualificados, na especulação das futuras construções.

Em suma, este mega plano organizador do território das antas foi bastante bem elaborado, e tem o potencial ainda de ser melhorado, pois muitos projetos ainda estão para serem alcançados, o que torna este projeto um espaço urbano de constante mutações e é caracterizado pela definição de cidade atualmente, um processo de urbanização e expansão constante, tanto de elementos volumétricos ligados diretamente a pratica da arquitetura como de elementos de serviços e infraestruturas, que dão apoios a estas construções arquitetónicas e a quem as habita.



63_Plano de Pormenor das Antas- Planta dos Espaços Verdes Origial



64_Planta Geral da Proposta do Novo Parque Urbano

AS PRIMEIRAS IDEIAS - DE ONDE VEM A IDEIA DE INTERVENÇÃO

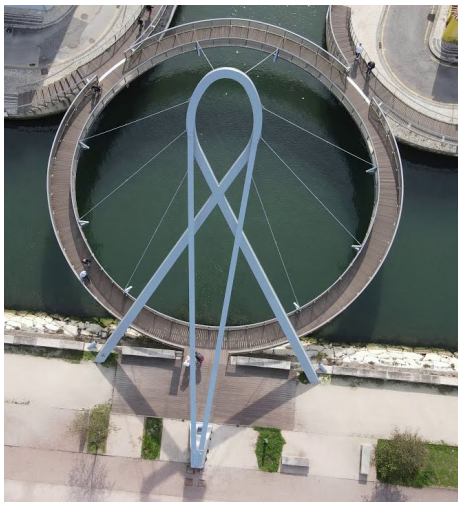
A presente proposta, parte de um desejo pessoal pelo espaço de recreio que se pode encontrar apontado na quinta em estudo, para lhe proporcionar uma nova vida. Estas características podem não estar visíveis hoje, mas o seu caracter arquitetónico e história permanecem, estes apontamentos nunca se perdem, dando esta vontade ao arquiteto de esquissar, de propor, de projetar, e de intervir no local. Em todas as visitas feias ao local, quer acompanhado por colegas, familiares ou até mesmo sozinho, em todas as vezes surgem ideias e apontamentos de intervenções para o local, mesmo que não sejam visuais. *"Um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser - coisas talvez opostas, mas nunca sem relação."* [30] Estas intenções e esta vontade de dar nova vida ao espaço não é característico apenas de quem vê com um olhar critico da arquitetura, mas também desperta vontade naqueles que podem estar desligados do mundo arquitetónico. Numa das visitas ao local fui acompanhado com um familiar que não está na área de arquitetura, mas a sua curiosidade pela história do espaço despertou a níveis que eu não esperava, ficou muito investido na descoberta deste espaço que não conhecia. O interesse na história da cidade, dos jardins que outra hora completavam a paisagem deste território, assim como a história da própria casa. O objeto causador desta curiosidade pela arquitetura, mesmo de quem nunca mostrou esse interesse vem pela beleza e estatuto histórico que está embebido numa ruína. A ideia de um edifício desabitado, abandonado, que representa um marco para uma história interessante na cidade, é bastante convidativo para todos, imaginarmos a sua recuperação e transformação para os dias atuais. Esta constante vontade de ver os espaços nos tempos de glória foi o que mais despertou o interesse de estudar este território e de apontar uma solução de intervenção a qual possa ser seguida no contexto da realização do projeto do Plano de Pormenor das Antas.

Antes de dar início a este capítulo de intervenção é importante compreender em que contexto permanece atualmente o proposto Plano de Pormenor das Antas. Neste sentido o desafio seria a tentativa de um equilíbrio das vontades próprias de intervenção com o plano de pormenor e as referências já comentadas. É então que a avaliação já feita do panorama morfológico e topográfico do lugar, com a avaliação e inspiração nas referências também já apresentadas, surgem as bases teóricas para a ideia inicial do desenho e da ideia de projeto.

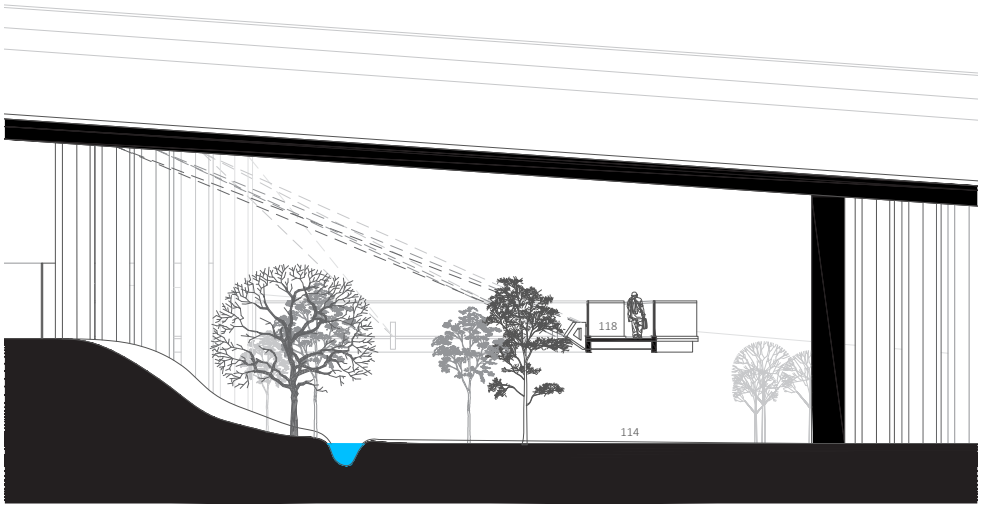
Em preocupações de planeamento de desenho para o parque urbano das Antas, a ideia base é a criação de mistério. Assim como a quinta era originalmente proposta, com muros variados que se organizavam conforme os jardins internos individuais, que criam uma atitude de curiosidade para o que está desenvolvido no seu interior, promovendo a deslocação e o interesse de caminhar por todos os espaços apresentados ao seu redor. Daqui surge a ideia de o parque urbano, nesta área pontual, ser fechado, de certa forma, meramente visual, despertando curiosidade para o seu interior, em que, depois do ocupante se deslocar para dentro dos seus muros verdes, estes voltam a criar uma curiosidade para o que está para alem dos muros da Quinta, na cota mais alta.

30 VIEIRA, Álvaro Siza. "Oito Pontos" in 01 Textos, Porto: Civilização Editora, 2009, pág.27.

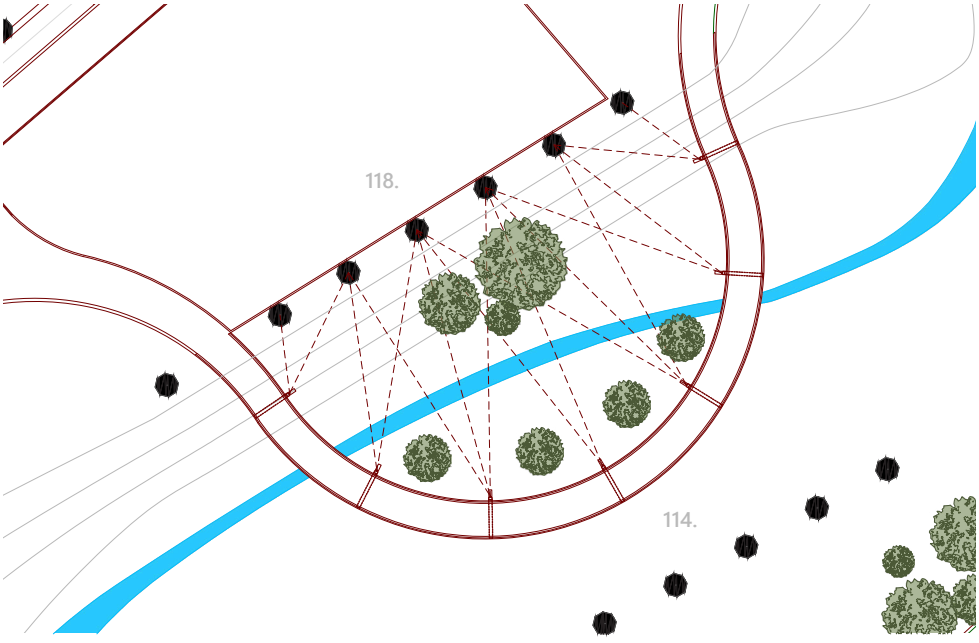




65 & 66_ Ponte Circular de Aveiro- Arquiteto Luís Viegas



67_Secção pela Ponte ESCALA- 1 : 300



68_Planta Localizada da Ponte ESCALA- 1 : 500

Ao chegar neste ponto de cota máxima da quinta, aqui, e só aqui é se torna possível ter a perceção visual total de todo o parque urbano, e do resto da paisagem da cidade do Porto. Esta ideia de organização e promoção pedonal vem pela herança que o ser humano tem pela curiosidade e a vontade de ver o que está para alem do percetível, para alem do que é visual. Estes percursos pedonais são sempre uma solução para evitar a estagnação de um espaço, criando assim relações entre vários percursos diferentes, onde todos tem a mesma pertença do lugar em geral.

É então que o resto do parque tem como objetivo alcançar uma ideia oposta para aquilo que é apresentado nos espaços da quinta. O resto dos espaços para nordeste apresentam um caracter mais aberto, com uma maior liberdade naquilo a que se consegue ver, tirando partido de trilhos pedonais mais longos que atravessam todos os espaços abertos disponíveis.

É neste espaço que se encontra um setor de jardim em sombra, pela consequência da passagem do viaduto da VCI. Com isto em mente e pelo facto de a proposta inicial da câmara do porto para este espaço envolver algum tipo de área desportiva, faz mais sentido o aproveitamento desta sombra para a colocação destas várias atividades. Para além dos espaços verdes amplos, e o “centro desportivo”, achei que o parque urbano necessitava de algo que chamasse a atenção, de um objeto quase como escultórico que se possa fazer de peça central para este lado do parque, criando assim uma nova centralidade para alem da Quinta de Salgueiros original, que representa uma outra centralidade.

Esta nova centralidade surgiria do aproveitamento das cotas variáveis do terreno neste espaço em combinação com a pequena linha de água que por ali passa para criar uma ponte suspensa, tendo como inspiração a ponte circular em Aveiro de autoria do professor arquiteto Luís Viegas.

ENTRE A REABILITAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO

PROJETO DO PARQUE URBANO - PARQUE URBANO GERAL | JARDINS



69_Planta de Implantação do Parque Urbano das Antas ESCALA- 1 : 4000

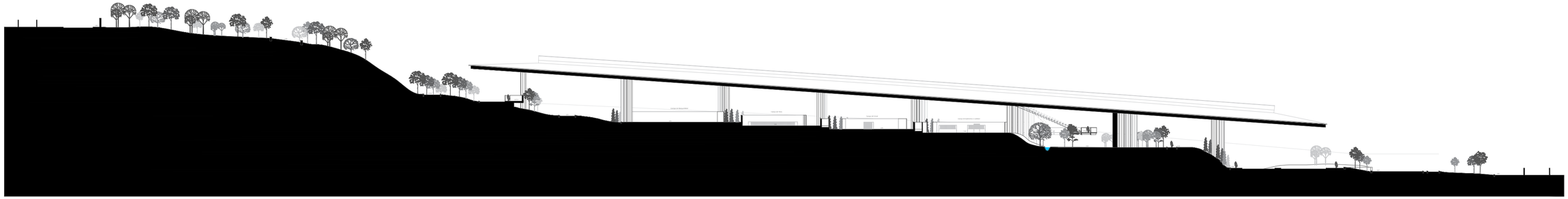


70_Planta de Apresentação- Parque Urbano das Antas ESCALA- 1 : 1000

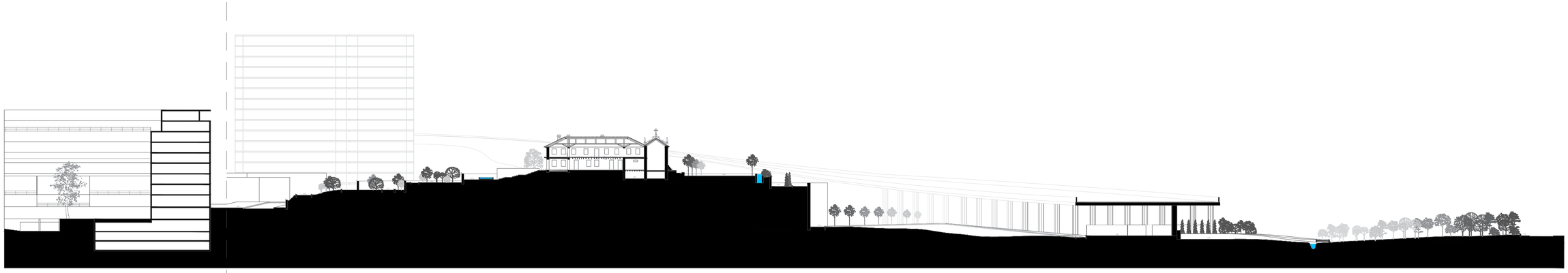
PROJETO DO PARQUE URBANO - PARQUE URBANO GERAL | CORTES



71_Planta de Implantação do Parque Urbano das Antas- Cortes ESCALA- 1 : 4000

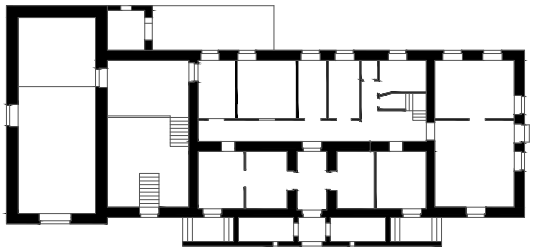


72_Corte A ESCALA- 1 : 800

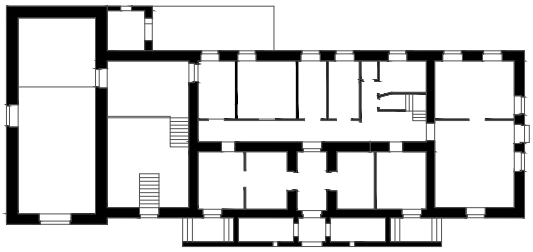


72_Corte B ESCALA- 1 : 800

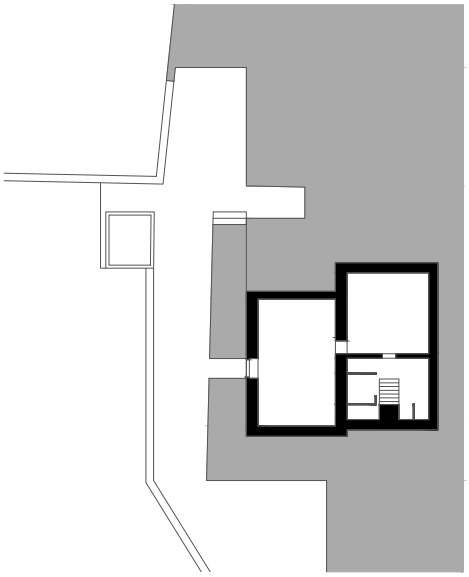
PROJETO DO PARQUE URBANO - CASA SENHORIAL | QUINTA DE SALGUEIROS



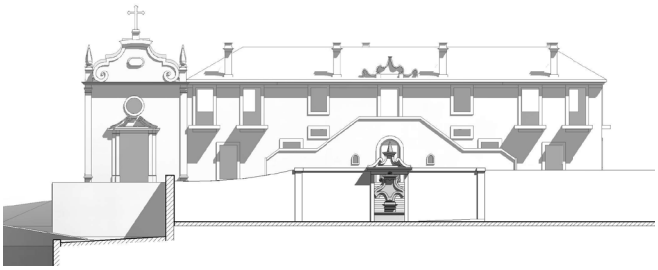
73_Piso 1



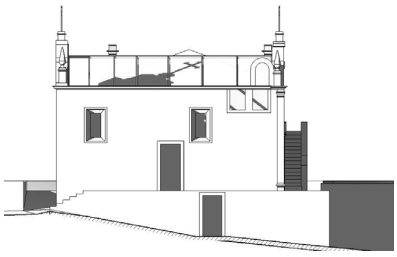
74_Piso R/C



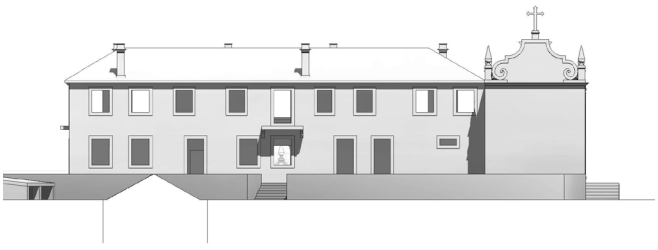
75_Piso-1



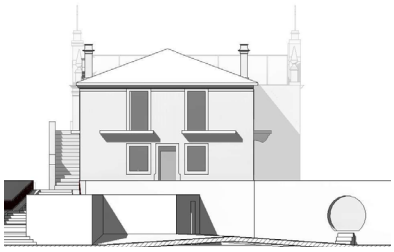
76_Alçado Norte



78_Alçado Nascente



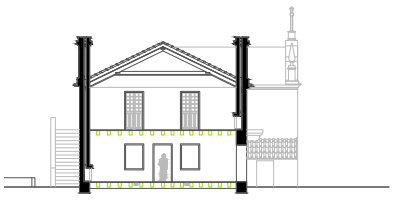
77_Alçado Sul



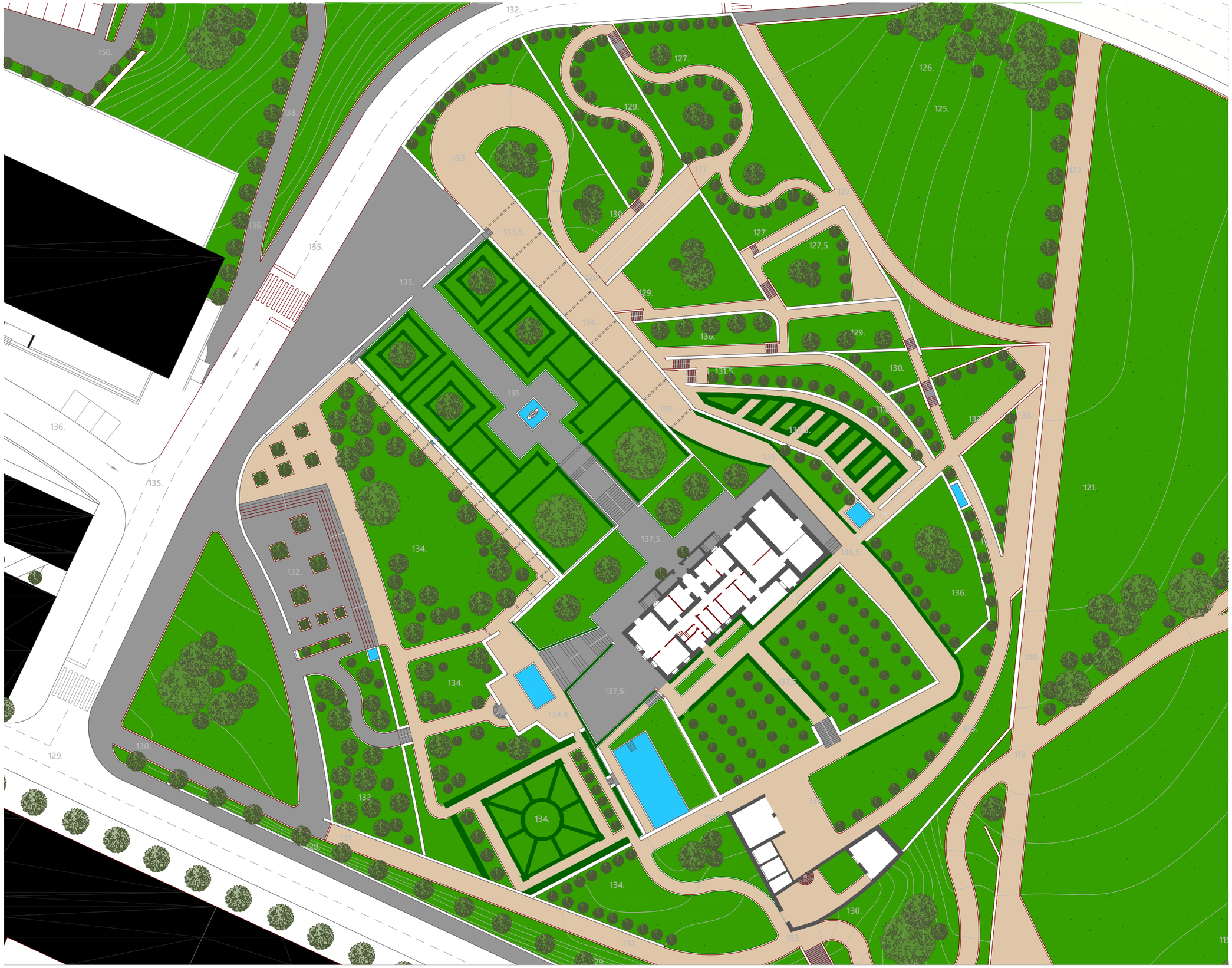
79_Alçado Poente



80_Corte Longitudinal



81_Corte Tranversal ESCALA- 1 : 500



82_Planta de Apresentação- Quinta de Salgueiros ESCALA- 1 : 600

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta proposta de projeto constituiu um grande desafio para o meu desenvolvimento pessoal e também como estudante de arquitetura.

A escolha deste tema permitiu que eu ganhasse um interesse extra sobre aquilo pelo qual me propus fazer, e o facto de existir um interesse extraordinário por minha parte sobre o tema da ruína e a reabilitação de edifícios expectantes, permitiu um entusiasmo no desenvolvimento do trabalho.

Embora tenha tido como base o já realizado trabalho do 4ºAno, na unidade curricular de História da Arquitetura Portuguesa, a extensão que se apresentou neste atualmente, para além do que inicialmente estava previsto, criou vários desafios e alterações ao tema pretendido no começo do desenvolvimento da proposta. Desta forma, o trabalho se distanciou de uma investigação e estudo do tema da ruína na arquitetura, com uma proposta de projeto de reabilitação para a Quinta de Salgueiros, e passou a ser mais próximo da exploração do tema da urbanização local, com a proposta do projeto passar a ser algo de uma escala mais significativa do que uma mera ruína.

Tenho conhecimento que o desenvolvimento deste projeto me fez crescer no que toca ao meu olhar critico para um planeamento urbano, e quais as prioridades e segmentos que se deve ter em conta para uma proposta desta magnitude.

A combinação entre o desenvolvimento e estudo urbano da zona das Antas, nomeadamente o plano de pormenor das Antas, o património cultural da cidade, que neste caso se encontra em estado de ruína, e por fim o património natural, a natureza quase intocável que se encontra no local, fazem com que estes três temas se conjuguem num projeto consistente e coerente para aquilo que está organizado e previsto no desenvolvimento da zona das Antas. Apresenta-se várias funcionalidades aos vários tipos de espaços presentes, capazes de atrair novos públicos e promover um conjunto diversos de utilizadores e atividades, estando estes novos espaços adaptados para as atuais necessidades mais contemporâneas.

Em suma, apesar de não ter chegado ao ponto de pormenor nos tipos de espaços do edificado no interior da Quinta, acredito que a materialização das ideias aqui desenvolvidas representa uma solução plausível para os problemas espaciais encontrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALARCÃO, Pedro. Construir na ruína: Entre a reconstituição e a reabilitação. Porto:FAUP,2018

FAUVRELLE, Natália. Quintas do Douro: As arquiteturas do vinho do Porto. Porto:GEHVIP,2001

TÁVORA, Fernando. Da organização do Espaço. 8ºEd. Porto:FAUP,2008

BARROS, J. A. C. Plano de melhoramentos da cidade do Porto: apresentado à Câmara Municipal em sessão extraordinária de 26 de Setembro de 1881. Porto: Typ. António José da Silva Teixeira, 1881

BASTO, M. Falam Velhos Manuscritos…Da futura Cidade do Porto. In O Primeiro de Janeiro. Porto, 19 de setembro de 1947.

CARDOSO, A. De ponte a ponte: o processo de urbanização da área metropolitana do Porto desde os anos cinquenta. Porto: Ministério do Planeamento e da Administração do Território, Comissão de Coordenação da Regia o do Norte, 1990.

FERNANDES, M. G. Urbanismo e morfologia urbana no Norte de Portugal. Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança. 1852/1926. Porto: FAUP Publicações, 2005.

GARRETT, A. A. História da Evolução dos Planos Gerais de Urbanização da Cidade do Porto. Porto: FEUP, 1974.

GUICHARD, F. O Porto no Seculo XX. In RAMOS L. A. O. (Org.), História do Porto. Porto: Porto Editora, 1994. 522-637.

LO BO, M. S. Planos de Urbanização, A época de Duarte Pacheco. Porto: FAUP Publicações, 1995.

MORAES, A. C. C. Os melhoramentos da cidade do Porto. Porto: Typographia Pereira, 1916.

OLIVEIRA, J. M. P. O espaço urbano do Porto – condições naturais e desenvolvimento. Porto: Edições Afrontamento, 2007, 1.ª Ed. 1973.

PORTO, C. M. Plano Diretor da Cidade do Porto. Porto: Camara Municipal do Porto, 1962.

PORTO, C. M. Plano de Melhoramentos 1956-1966. Porto: Direção dos Serviços do Plano de Melhoramentos, Câmara Municipal do Porto, 1966.

TAVARES, M. «Uma perspetiva estratégica [nos anos 50 e 60 em Portugal]». Porto: FAUP, 2010.

ASCHER, François. Novos princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Lisboa, Livros Horizonte, 2010

DANTAS, Carlos Felipe Albuquerque, A transformação do "lugar" na arquitetura contemporânea, São Paulo, Annablume, 2011

BENEVOLO, Leonardo, A cidade e o Arquitecto, Lisboa, Edições 70, 1998

TELLES, Gonçalo Ribeiro. «Plano Verde de Lisboa. Lisboa». Edições Colibri. Outubro de 1997

AVIAL. Luiz R., «Zonas Verdes y Espacios Livres en la Ciudade», Institutto de Estudos e Administração Local de Madrid, 1982, p. 416.

CROQUIS

El Croquis 124_EDUARDO SOUTO DE MOURA 1995-2005_Casa em Moledo, pág.54

El Croquis 127_JOHN PAWSON 1995-2005_TILTY BARN, pág.26

SITES

QUINTAS DE CAMPANHÃ / CAMPANHÃ MONOGRAFIA, Miguel Ferreira Meireles Agostinho B. Vieira Rodrigues - http://www.j-f.org/monografia/indice.htm

Petição Pública – Pela salvaguarda, classificação e reabilitação da quinta de salgueiros ás Antas (Porto) enquanto espaço cultural e de lazer. - https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT86412&-fbclid=IwAR1oVfxbnHGc3_LLf8ICAXnatgMQcsk-98FWvfAY3A0dqadkgKlUFJidPbNQ

AULAS

Aula 14_Reabilitaçao de Edificios-03/02/2021-Requalificaçao da Herdade da Torre Vã, André Eduardo Tavares

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

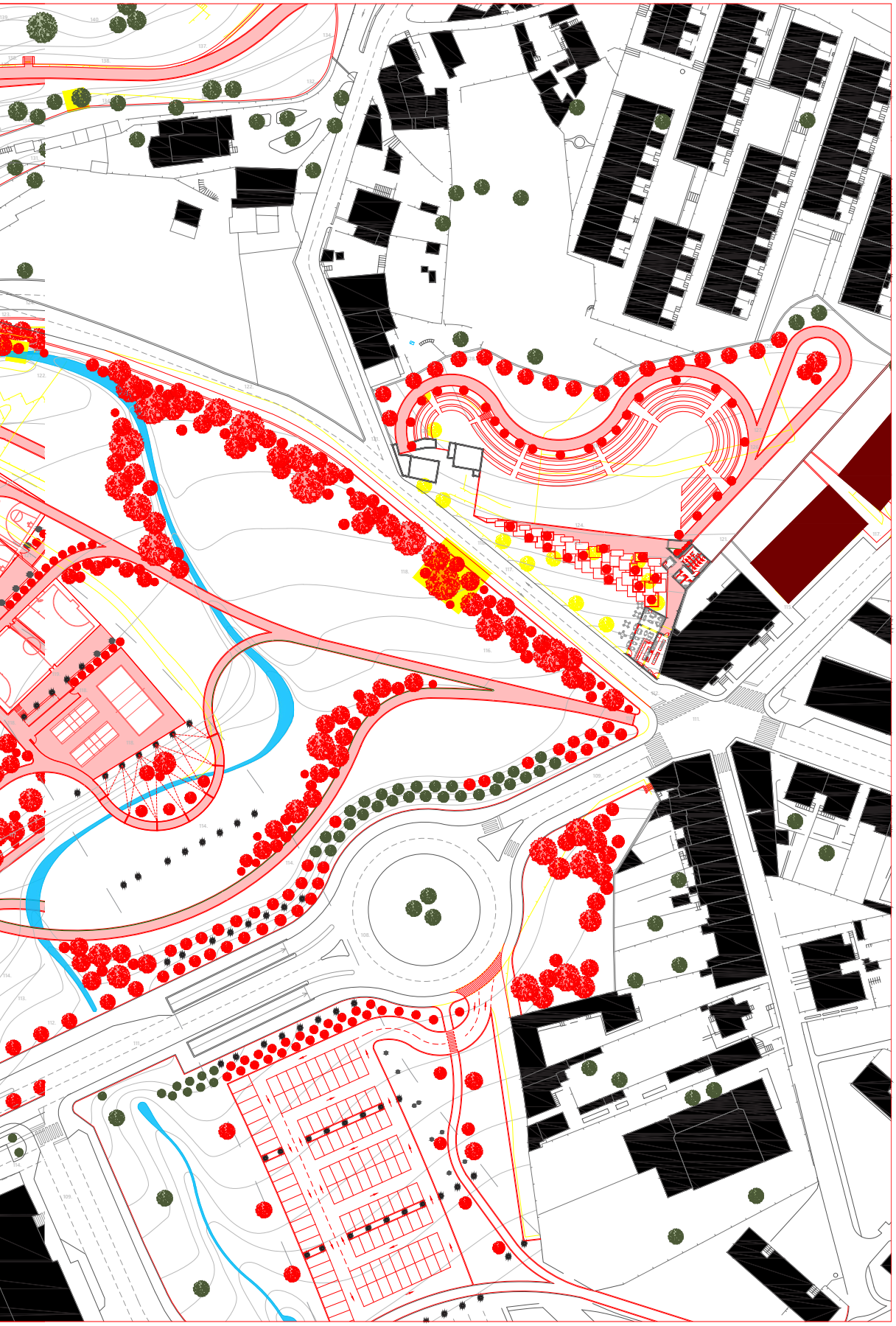
01_Mapa da zona das Antas-Campanhã
https://www.openstreetmap.org
02_Plano de pormenor das Antas - Planta dos Espaços Verdes 2013
Arquivo da Câmara Municipal do Porto_Direção municipal de urbanismo_"Plano de Pormenor das Antas"
03_Vista aérea do projeto do complexo habitacional "Antas Atrium"
https://antasatrium.com/
04_Vista aérea do projeto do complexo habitacional "Antas Green"
https://antasgreen.pt/
05_Vista aérea do projeto do complexo habitacional "Antas Build"
https://www.replica.pt/empreendimentos/detalhe/antas-build_204/pt
06_ Mapa Hipsométrico do Porto
Revisão do plano diretor municipal do porto-Suporte Biofisico e Ambiente-2018_pág.6
07_Área de Intervenção
Desenho do Autor
08_Jardim do Palácio de Cristal
https://www.lonelyplanet.com/portugal/porto/massarelos/attractions/jardins-do-palacio-de-cristal/a/poi-sig/423655/1341037
09_Jardim das Virtudes
http://porto.convida.pt/poi/see-do/parque-das-virtudes-40980/37
10_Jardim da Cordoaria
https://radioportuense.com/2017/07/16/historia-jardim-da-cordoaria/
11_Jardim da Quinta da Prelada
https://www.100milarvores.pt/2016/03/casa-da-prelada-arvores-que-nos-fascinam.html
12_Jardim da Quinta da Macieirinha
https://www.alamy.es/foto-jardines-del-palacio-de-cristal-jardins-do-palacio-de-cristal-en-massarelos-parroquia-civil-de-la-ciudad-de-porto-en-portugal-149533972.html
13_Jardim de Serralves
https://www.porto.pt/pt/noticia/parque-de-serralves-convida-para-uma-visita-de-inverno
14_Jardim Botânico
https://www.facebook.com/mhnc.up.pt/photos/a.1789581084653683/2680716325540150/
15_Jardim da Casa do Allen
https://www.timeout.pt/porto/pt/filmes/cineclube-do-porto
16_Jardim Marques Oliveira
https://visitporto.travel/pt-PT/poi/5cd04b46f979e00001234afb#/
17_Jardim da Quinta do Covelo
https://www.timeout.pt/porto/pt/coisas-para-fazer/quinta-do-covelo
18_Jardim da Casa Tait
https://museudacidadeporto.pt/estacao/casa-tait/
19_Planta de Cadastro Origial - Estádio das Antas
Arquivo da Câmara Municipal do Porto_Direção municipal de urbanismo_"Plano de Pormenor das Antas"
20_Evolução da Mancha Construída de 1813 a 1980
www.j-f.org/monografia/pagina29.htm
21_ Número de Edifícios Anteriores a 1919
Instituto Nacional de Estatística, XII Recenseamento Geral da População e III da Habitação
22_Antigas Quintas de Campanhã
Desenho do Autor
23_ Evolução dos Limites da Quinta de Salgueiros de 1872 a 2022
Desenho do Autor – Trabalho Académico HAP 2020 "Quinta e Casa de Salgueiros, A descoberta e interpretação do passado."
24_ Planta de Localização – 1834
Fonte Desconhecida
25_ Planta de Localização – 1892
https://mipweb.cm-porto.pt/
26_ Planta de Localização – 1939
Direcção Geral do Planeamento Urbanístico, 1978
27 a 31_ Planta de Localização – 1978
Aplicação Google Eath Pro (Windows)
32_Planta de Telles Ferreira – 1892
https://mipweb.cm-porto.pt/
33 a 35_Planta do Levantamento Métrico da Quinta de Salgueros
Desenho do Autor – Trabalho Académico HAP 2020 "Quinta e Casa de Salgueiros, A descoberta e interpretação do passado."
36_ Fotografia Aérea da Quinta de Salgueiros e da VCI
Imagem do Autor
37 a 43_ Vistas 3D do levantamento da Quinta
Imagem do Autor
44 a 50_ Alçados, Corte e Perspetivas
Desenhos do Autor
51 a 58_ Levantamento Métrico da Casa Senhorial
Desenho do Autor – Trabalho Académico HAP 2020 "Quinta e Casa de Salgueiros, A descoberta e interpretação do passado."

59 a 63_ Desenhos do Plano de Pormenor das Antas
Arquivo da Câmara Municipal do Porto_Direção municipal de urbanismo_"Plano de Pormenor das Antas"
64_Planta Geral da Proposta do Novo Parque Urbano
Desenho do Autor
65 & 66_ Ponte Circular de Aveiro - Arquiteto Luís Viegas
https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/inicio-da-obra-de-reabilitacao-da-ponte-do-laco
67 a 81_Desenhos de Projeto
Desenhos do Autor

ANEXOS



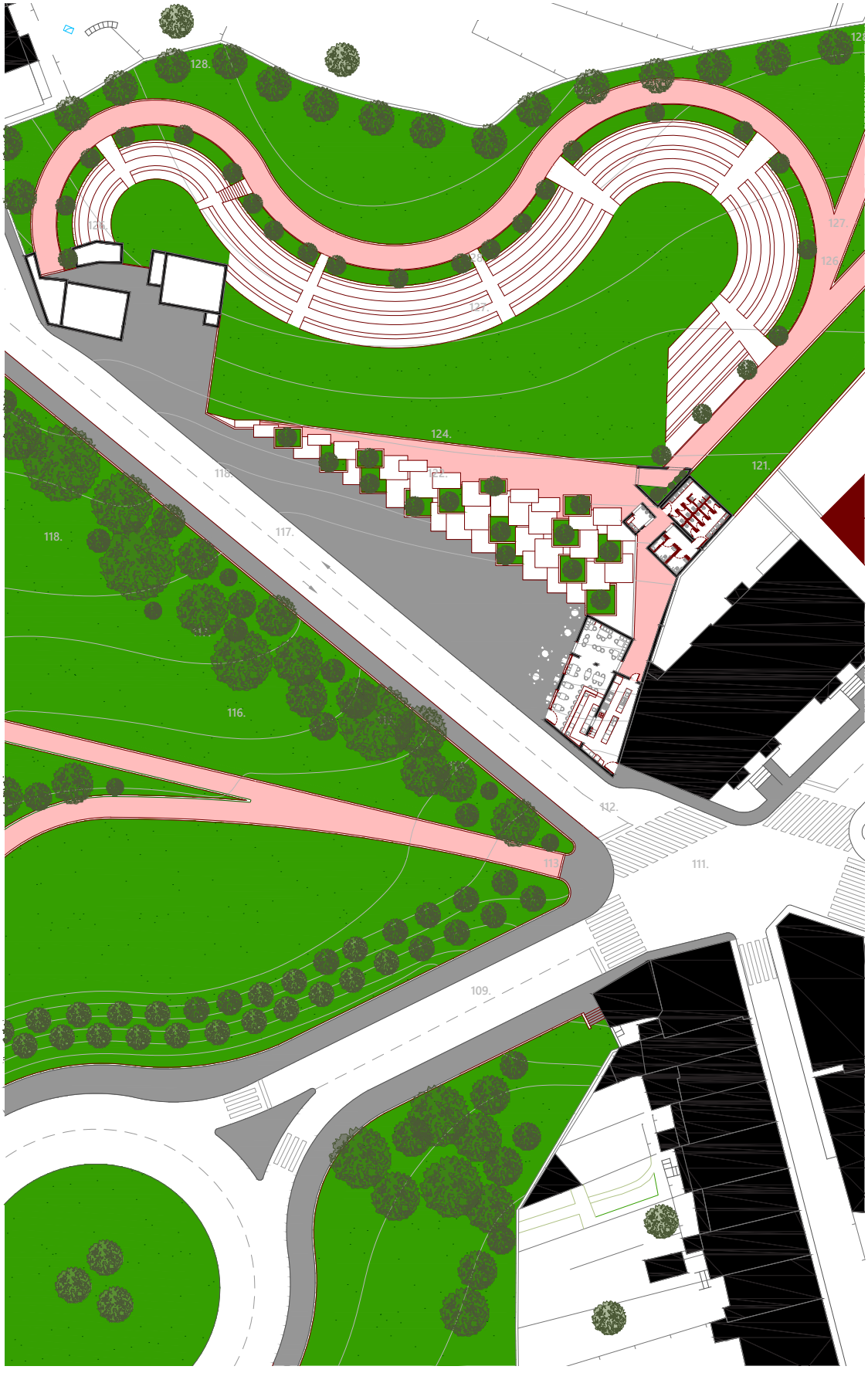
Planta Vermelhos / Amarelos- Parque Geral





Planta Vermelhos / Amarelos- Zona de Restauração

ESCALA- 1 : 700



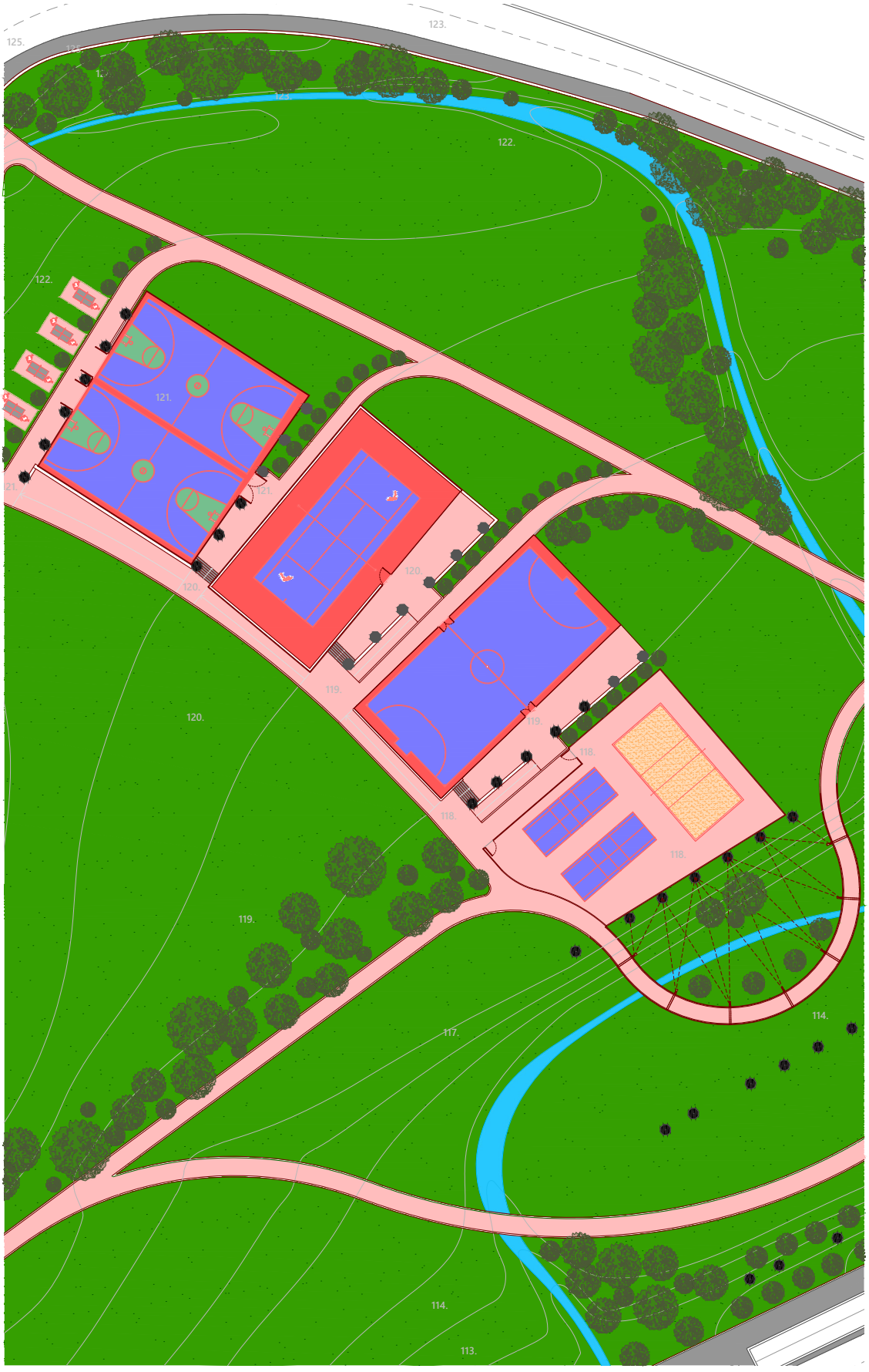
Planta Apresentação- Zona de Restauração

ESCALA- 1 : 700



Planta Vermelhos / Amarelos- Zona Desportiva

ESCALA- 1 : 700



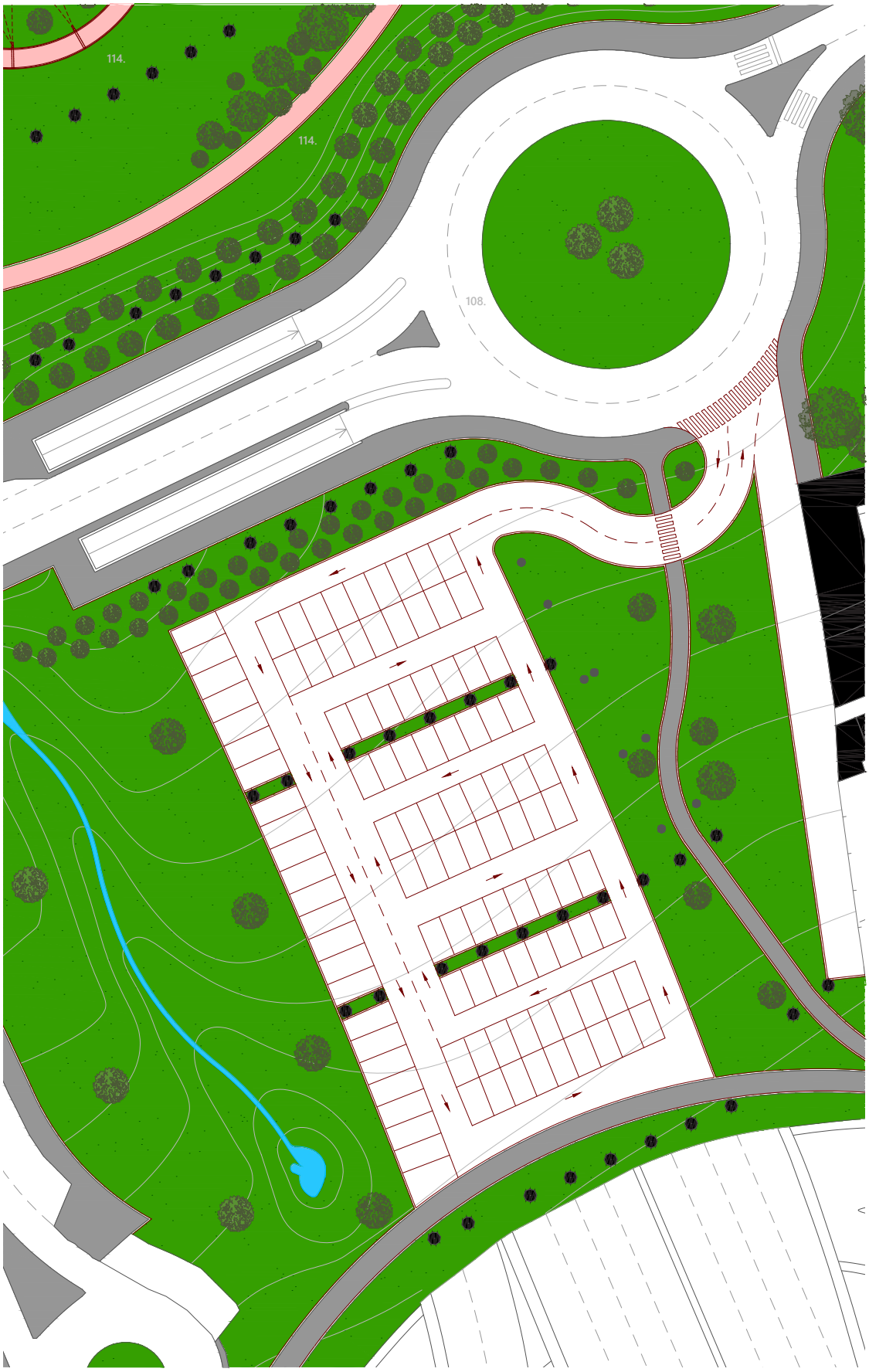
Planta Apresentação- Zona Desportiva

ESCALA- 1 : 700



Planta Vermelhos / Amarelos- Estacionamento Sul

ESCALA- 1 : 700

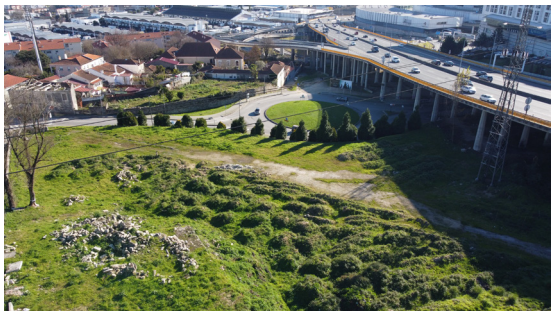


Planta Apresentação- Estacionamento Sul

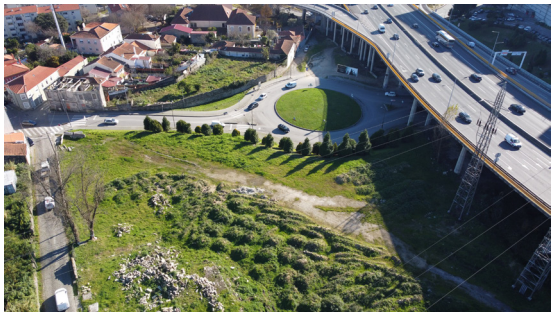
ESCALA- 1 : 700












Fotografias Aéreas










Fotografias Terrestres



Fotografias Anos 70` vs Atualmente

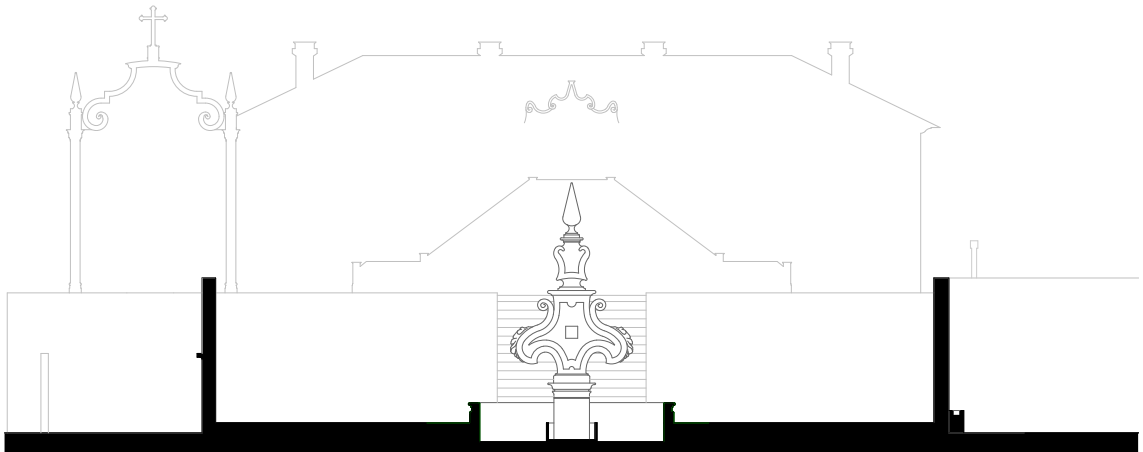


Fig 1- Eixo de chegada à Quinta de Salgueiros.

Quinta e Casa de Salgueiros,
A descoberta e interpretação do passado.

Rua da Vigorosa 341, 4350-414 Porto
André Barros, Duarte Gonçalves, Leonardo Grogg, Tiago Rosa
CGO04

O presente trabalho tem como elemento base de exploração um levantamento da Quinta de Salgueiros. Posteriormente a este levantamento, a análise é realizada através de uma construção dos elementos compositores da Quinta, e a sua interpretação em contexto com a evolução no tempo. Em vista disso, propomos a análise em quatro escalas distintas.
A sua identificação no contexto urbano e como este é relacionado com a Quinta. Uma segunda análise à escala da Quinta pelos seus limites, com um maior foco e atenção aos temas dos espaços verdes e da organização dos percursos de água, que são importantes no sentido organizador dos campos agrícolas e dos jardins. Em terceiro, é feita uma abordagem aos elementos da casa senhorial, e a sua análise de interior como exterior. Por último, um levantamento e análise a uma escala de pormenor de elementos, como é o caso do desenho do chafariz, as latadas, os azuleijos, os tipos de lareiras e ainda pormenor dos caixilhos.

Introdução a Quinta

A Partir do século XVIII, a proliferação de casas senhoriais passa a ter uma importância significativa na paisagem periférica da cidade do Porto. Esta localização é escolhida pelas boas condições de terreno aqui encontradas, ricos cursos de água, condições climatéricas e a sua posição privilegiada sobre uma cidade em expansão, colocando-se, deste modo, pouco afastado do centro urbano.

A Quinta de Salgueiros, pertencente à família Geraldes de Mesquita Ramalho, Jacinto de Matos e mais tarde a uma família inglesa, é um local de residência durante vários anos. Assumindo um papel de quinta com elementos de primeira habitação, esta também possuiu um carácter de recreio. Esta era frequentada pela alta sociedade portuense, e era conhecida como um local de renome na cidade do Porto com um inegável valor cultural.

O carácter cenográfico do conjunto é denotado pelo modo como o arquiteto o integra no meio em que se localiza tipicamente rural. Ao gosto barroco em que é construído, não é esquecida a gramática formal que se dá a ver pelas suas fachadas. A fachada de receber liga-se visualmente a um pátio de honra, como se de uma praça de chegada tratasse. Por outro lado, as restantes fachadas viram-se para grandes eixos de jardins barrocos que se alongam parecendo não ter fim.

À volta da casa, encontramos campos agrícolas que eram, na época em que a quinta seria maioritariamente de cultivo, de trabalho pelos habitantes dos lugares arredores desta mesma. O acesso a estes espaços era feito por entradas independentes feitas nas linhas exteriores da propriedade, para que a entrada dos trabalhadores não interferisse com a área de lazer, criando assim percursos de serviço.

Linhas da Propriedade e sua progressiva redução

Ao longo das últimas décadas, a pressão urbanística tem levado à constante redução de muito do espólio das nossas cidades. A cidade do Porto, tem demonstrado sinais querer inverter essa tendência, contudo, a Quinta de Salgueiros não consegue escapar a este Movimento.

Apesar de inicialmente ser constituída por uma vasta área territorial, esta Quinta, assim como as restantes que se colocam na periferia da cidade, ao longo dos anos foi sofrendo um processo de constante redução do seu terreno. Isto deu-se de acordo com a necessidade de desenvolvimento urbano da zona dos Salgueiros e Contumil.

No século XVIII, ano de sua construção, a Quina dominava todo o vale de Contumil e Campanha, possuindo uma grande área territorial ladeada pelo Lugar de Salgueiros, Lugar de Contomil e Lugar de Luzares.

Em 1932 um setor, junto à Rua Naulila, é cedido à Câmara Municipal do Porto para que esta pudesse rasgar a Avenida Fernão Magalhães. Esta é uma avenida de grande afluência e importância, o que levou posteriormente à construção da Igreja das Antas. Em troca deste setor, a Câmara do Porto comprometeu-se a conduzir as águas das nascentes, que ali passavam, em perfeitas condições para o abastecimento dos terrenos da propriedade de Salgueiros.



Fig 02. Evolução do Terreno da Quinta ao longo dos anos. Desenho do grupo.

Já posteriormente, e segundo imagens aéreas da CMP, em 1948, a Quinta, vê-se na necessidade de vender 48. 000m2 do seu terreno para a construção do Estádio das Antas e respetivas instalações anexas.
Outras porções do terreno foram sendo vendidas com o desenvolvimento urbano periférico. Exemplo disso é a porção perdida pelo Plano de Pormenor das Antas de 2000. Este foi criado para pôr em prática a reurbanização das Antas, consolidação da VCI e posterior construção do novo Estádio do Dragão, levando à progressiva redução.
Atualmente, o terreno da Quinta encontra-se muito reduzido, com apenas o seu núcleo central intacto. Contudo, é um espaço que está constantemente a ser colocado em conta em planos de reurbanização de Campanhã, mas que acaba por ficar permanentemente adiado.

Proprietários

A Quinta de Salgueiros, ao longo dos anos, para além de passar por um recorrente processo de redução espacial, os seus proprietários também vão alterando.
A sua génesis, como quinta e enquanto casa nobre abastada, é pertencente à família Geraldes de Mesquita Ramalho. Aqui a família viveria em permanência distante do centro da cidade. Assumindo um papel paralelo, de recreio, esta era amplamente frequentada pela alta sociedade portuense, conhecida como um local de renome na cidade do Porto de inegável valor cultural.
No ano de 1916, no lançamento do projeto de alteração por João da Costa Ramalho, a Quinta passa a ser habitação de Jacinto de Matos. Aqui este tem as suas estufas e produções de flores e jardins. Nesta altura, o carácter cenográfico da quinta é acentuado pelo meio como se integra na localização tipicamente rural.
Juntamente ao gosto Barroco, ligam-se os grandes eixos de jardins que se alongam, misturando linhas geometricamente desenhadas, com labirintos de buxos, tanques e espelhos de água ornamentados, quase como se tratasse de um mostruário das capacida do Fluri-orticultor Jacinto de Matos.
Posteriormente, com a saída de Jacinto de Matos da propriedade, a Quinta de Salgueiros é alugada a uma família inglesa. Então esta era usada como quinta de habitação diária, na medida em que os jardins deixam de ter um carácter agrícola, para se dedicarem unicamente à ideia de espaço de lazer e recreio.
Em 1956, com a saída dos moradores Ingleses, a casa volta a ser habitada pela Família Mesquita Ramalho Alves de Sousa, onde retorna a sua ideia de Casa famíliar abastada associado a quinta de recreio e vivência ímpar dos demais espaços de habitação da cidade. O grande espaço exterior era então usado para diversas atividades, como cerimônias de casamento, concertos,...
No presente, A Câmara Municipal do Porto, como proprietária, tem a ideia de a restaurar e requalificar, dando um novo espaço de calma e verde à cidade, fazendo ver o seu conjunto arquitetónico notável, contudo, essa intenção nunca teve espaço para avançar.

O Levantamento

Todos os levantamentos da Quinta e Casa de Salgueiros surgiram de uma necessidade e vontade de grupo de obter desenhos mais rigorosos do nosso elemento de estudo, tendo em conta que a maioria dos elementos desenhados a que tivemos acesso eram relativos apenas à reabilitação do Séc.XX e apresentavam algumas inexistências e incorreções em várias escalas.
Numa primeira fase, foram utilizados métodos simples com fitas métricas e medidores a laser. Mesmo assim, foi

possível fazer-se um levantamento rigoroso e pormenorizado, não só da casa, que incluiu a medição de todos os vãos, elementos estruturais, modinaturas e materiais, mas também, à escala da Quinta, com um trabalho mais exaustivo, com o levantamento de todas as plataformas, muros e outras construções existentes.
Numa fase posterior, surgiu a possibilidade de fazer um Scan 3D utilizando um novo equipamento com tecnologia "Lidar". Com esta tecnologia conseguiu-se uma representação tridimensional mais fiel ao estado atual da construção que facilitou a compreensão do desenho das fachadas e confirmou as medidas do levantamento anterior.
Foi também a partir destas consecutivas visitas ao terreno que encontramos vários elementos dos quais nunca se obteve qualquer informação, apenas através dos documentos associados à obra. Estas descobertas, para além do seu valor patrimonial, como no caso dos Azulejos do Séc. XVII, contribuíram também para a compreensão das atitudes projetuais da época.
O resultado final deste trabalho pode ver-se resumido em 2 modelos tridimensionais, que colocam em confronto por um lado o estado atual da Quinta e por outro uma suposição muito próxima do que seria a expressão desta quinta no seu auge.

A Hieraquização dos espaços

A Quinta de Salgueiros pela sua localização privilegiada no seu território, implanta-se numa região de grande riqueza hídrica e terreno fértil, no ponto alto do Porto, com vistas para o vale de Campanhã. A água é um ponto chave na organização espacial da propriedade, e apesar de aparecer em abundância, há uma grande preocupação com o seu uso racional.
Como dito por Hélder Carita, era comum nas quintas, os espaços verdes serem distribuídos em patamares para melhorar a economia de água na rega. Podemos ver esta composição na parte norte da Quinta, com a formação de terraços-tabuleiros, constituídos através da manipulação da topografia do terreno original. A casa, elemento central, é colocada no ponto mais alto, tanto pela necessidade de criar uma hierarquização dos espaços, quanto pelos fatores geográficos que permitem uma vista privilegiada e um solo mais seco.
Acreditamos que havia pouca necessidade de bombeamento, pois a água chegava dos pontos mais altos do terreno e seguia pelo mesmo em função das necessidades. Esta percorria, por caleiras de argila, colocadas no cimo dos muros de granito, que redistribuem por meio de calhas que chegavam a grandes tanques, onde se fazia a distribuição, ora para zonas agrícolas de cultivo produtivo, ora para áreas de lazer, como é o caso a piscina, o espelho de água cenograficamente pensado e o chafariz. A sudoeste da propriedade, nas visitas feitas ao objeto de estudo, encontramos parte deste sistema hidráulico que se replicava por toda a quinta.
"Uma das fontes de rendimento da Quinta de Salgueiros era [...] o produto da venda de flores e plantas. No antigo "Viveiro das Antas", situado no terreno cedido à Câmara Municipal do Porto para a abertura da avenida Fernão de Magalhães, existiam importantes estufas de ciclames, avencas, begónias e as mais variadas espécies de flores". [1]
Para compreendermos melhor a hierarquia da quinta, separamo-la em 3 espaços. O eixo de entrada, o espaço de recreio e por último o espaço produtivo.
O eixo de entrada organiza-se em dois momentos. O primeiro, fora da propriedade, em que há um alargamento do caminho que permite a marcação da entrada. O segundo, é composto por um eixo monumental, rigorosamente alinhado ao centro do alçado da casa (sem capela), delimitado por muros laterais e marcado por um chafariz barroco. Os *"espaços de passeio e de percurso recreativo, contribuíam para elevar estes grandes chafarizes a elementos polarizantes do espaço com um forte sentido urbano, para que pudessem ser apreciados de longe"* [2], por isso estes elementos, associados à escadaria, ao uso de jardins geometricamente desenhados por buxos e árvores de grande porte, acentuam a formação de um espaço de aproximação à casa, que lhe confere uma certa ideia de intimidade, paralelamente à ideia de monumentalidade.
O espaço de recreio encontra-se na envolvente imediata da casa com o cuidado de criar diferentes atmosferas. A sudoeste, existe um domínio da vista do vale, valorizando o conjunto, assim como a presença de um grande pomar. Na fachada Poente está associado um terraço mais nobilitado, com uma relação direta com a sala de jantar. Este terraço é composto por um jardim de estar, ladeado de muretes de vegetação, namoradeiras e alegretes. A partir desta área é possível contemplar os espaços de lazer e produtividade da quinta. A uma cota mais baixa, é onde encontramos o espelho de água, que é antecedido por uma bela escadaria, com um ponto de fuga acelerado, que é envolvida por muros decorados com azulejos azuis e amarelos. Esse espaço fuinciona como centro de redestribuição para espaços contínuos. Outra área de

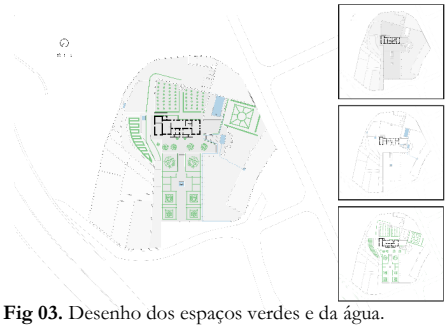


Fig 03. Desenho dos espaços verdes e da água. Desenho do grupo.

grande ligação à água é a zona da piscina. Cerrada por altos muros e com uma saída "ocular" para um grande jardim de aparato, caracteriza este espaço como algo mais privatizado do restante da quinta. Esta sequência de espaços traz um conjunto autônomo de lugares com caráter especial, que é acentuado pelos muros, que concebem uma cenografia barroca de uma escala íntima. Toda a ideia de contemplar o espaço de recreio da quinta é ampliado pelas latadas apoiadas sobre pilares de granito, colocadas nas partes internas dos muros do eixo de entrada. Os pilares servem de suporte e pretendem criar um percurso de passeio recreativo agradável, que no verão amenizava o calor com a sombra, e no inverno permite a entrada do calor, devido às folhagens caducas.

A casa senhorial

A casa de habitação é uma excelente referência para um ponto de partida de um tema central de exploração da história da arte em Portugal. Temos como exemplo o caso das suas anatomias de interiores, a sua organização, o modo de vivência dos seus habitantes e como estes preenchem a suas habitações, desde os materiais usados até à própria arte que estes constituem, e que seriam, na época em questão, o caso do uso do azulejo. Estas explorações são mais evidentes em casos de habitações de aparato, segundas habitações, ou então, como no nosso caso em questão, a possibilidade de serem uma solução híbrida das duas hipóteses, isto é, a casa abastada de primeira habitação, que junta elementos de recreio de carater mais lúdico.

No caso da Quinta de Salgueiros, como podemos considerar que temos presente os dois casos, é necessário avaliar as estruturas arquitetónicas como formas de distinguir estes dois aspetos. Na avaliação do elemento arquitetónico temos presente dois momentos, um inicial em finais do século XVIII e um mais recente com uma reabilitação em 1916. Esta necessidade de reabilitar a casa, não vem somente pela idade que os materiais já teriam, mas também pelas novas mudanças ocorridas nos modos de viver e pensar a casa, nas exigências de conforto e até de um certo luxo, que foram introduzindo alterações nas casas senhoriais ao longo dos séculos e que tornam a sua história dos exemplares originais difícil de replicar, pelo menos na sua concessão interior.

Esta subdivisão dos espaços com um maior número de quartos, e mais equipamentos, como garrafeira, a criação de casas de banho no interior, uma mudança na localização da escada, e a criação de um único espaço nobre no piso térreo, é recorrente para os novos tempos de transições de proprietários da quinta.

Estas diferenças entre um projeto e o outro não são apenas exclusivas entre os interiores, pois na casa original, também encontramos elementos que nos levam a crer que a própria capela não fazia parte do projeto inicial da casa e que veio como elemento posterior a esta, provavelmente muito próxima da construção da casa. Este pensamento de que a capela é um acrescento logo depois da construção da casa vem pelo facto do tipo de construção e a estereotomia da pedra no interior da capela (Corte Capela), assim como, o carácter identico que as restantes quintas da área periférica do porto têm, ao introduzirem uma capela ao seu volume. Muintas vezes, este acrescento surge pela importância da religião para os habitantes. No projeto de 1916, esta já se encontrava em ruína e não foi reabilitada em conjunto com a casa, o que também pode ser analisado pela estereotomia da pedra no interior, que tem vestígios das portas de acesso serem tapadas, e também através de fotografias de José Manuel Cunha, que mostram a capela já sem cobertura e a casa ainda funcional.

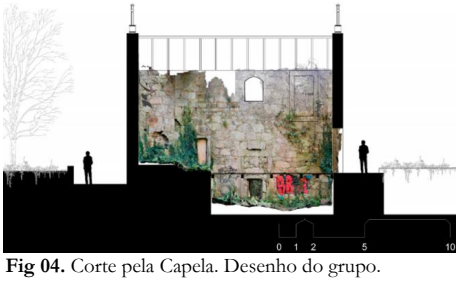


Fig 04. Corte pela Capela. Desenho do grupo.

Um dos motivos para este abandono da capela à natureza poderia ser pelo facto da quinta ser associada a jardins de ornamento. Podemos pensar na arquitetura, na construção humana para esse mesmo efeito, nomeadamente a ruína. O aspecto visual da invasão da natureza a uma obra de arquitetura em ruína chega a ser poético, quase como se o seu programa já não tivesse importância, e seria apenas um elemento de apreciação visual. Este elemento pode ser comparado, até um certo ponto, ao jardim paisagístico de Jonh Aislabie, com a ruína de Studley Royal, como um dos maiores exemplos do abandono propositado da obra arquitetónica para ser apropriado pela natureza e se confundir com o jardim. Estes jardins também são conhecidos com o nome de "jardim Inglês" pelo seu grande uso em Inglaterra, e que, por certa forma, também está conectado com a Quinta de Salgueiros por esta também ser conhecida pelo nome de "Quinta dos Ingleses", pelo facto de a certo momento a casa ser habitada por uma família dessa nacionalidade. Esta forma de pensar não é exclusiva aos ingleses nem apenas usada nos séculos XVIII. Temos autores português bem conhecidos que também usam esta ideia de ruína como apropriação visual dos jardins ornamentados. Fernando Távora, na Quinta da Conceição, Álvaro Siza, na Casa Alcino Cardoso e Souto de Moura, no mercado de Braga, são alguns dos exemplos mais notórios.



Fig 05. Azuleijos séc. XVII do museu Alberto Sampaio.

Os materiais. O azulejo

A Quinta em estudo segue a tradição do uso do azulejo na sua obra original, e pelo facto de termos feito uma notável descoberta da presença de azulejo do século XVII nela, é difícil perceber se este realmente esteve presente desde o início da obra, pois foi encontrado como entulho, partido em fragmentos, juntamente com outros azulejos que acreditamos que sejam datados do século XIX ou posterior.

Ao investigarmos sobre os fragmentos encontrados, foi possível descobrir o painel completo de onde pertencem estes padrões. Há uma possibilidade destes fragmentos terem pertencido ao Convento de Santa Clara, no Porto, e que, com uma das suas intervenções, este "entulho" de azulejo tenha acabado por ser comprado ou doado para o proprietário da Quinta, que o colocou nas escadas que levam ao espelho de água, assentados como embrechados. Estes azulejos de cores azuis e amarelo, não só preenchem os muros do espaço como são refletidos no espelho de água, dando um conforto visual diferente para quem desce as escadas em comparação a quem está do lado contrário, no espelho de água a olhar para as escadas. Estes criam um abiente cénico ao espaço, dotando-o de maior vivência e grau de importância, tornando-o como o elemento de maior relevância do jardim de aparato em toda a Quinta.

Em análise de outro aspeto importante na Quinta, na interpretação dos pormenores, seria o uso da madeira. Este material é o mais abundante na Casa quando se refere a elementos, como caixilhos, portas, pavimentos, e até em partes. A mais predominante seria na sua construção das janelas, por estas terem uma composição dupla. Uma exterior com vidro para a iluminação da casa e uma portada interior com três tramos verticais e almofadas. A organização da estrutura também era com elementos de madeira que serviram de apoio para um pavimento de soalho do mesmo material.

A presença do fogo como fonte de calor para aquecimento dos espaços interiores é algo muito oumum nas casas nobres abastadas, e por isso as diferentes lareiras presentes na casa não deixaram de possuir a sua importância a nível de levantamento. Na Quinta de Salgueiros estas estão predominantemente no segundo piso, por inicialmente este se tratar do piso nobre, sendo que as restantes apenas se encontram, ou no espaço da cozinha original, em pedra rústica, no novo espaço da cozinha do século XX, ou na sala de jantar, o único espaço nobre no rés-do-chão, por este conter uma caixa de ar no pavimento e um revestimento em madeira.

Conclusão

Superando as expectativas criadas na primeira visita às ruínas da Casa e Quinta de Salgueiros, o trabalho permitiu um estudo muito aprofundado dos principais temas das Quintas do Porto, associados a diferentes fases do crescimento da cidade e várias escalas de trabalho, desde o estudo territorial e urbano até ao desenho minucioso de padrão dos azulejos e pormenores construtivos.

Por termos o nosso levantamento de grupo como linha guia do trabalho, a volumetria de toda a composição tornou-se mais clara, e as relações entre espaços ficaram cada vez mais evidentes. Este domínio espacial, permitiu-nos também fazer modelos tridimensionais que se aproximam imenso do que seria a realidade do local e que nos ajudaram a compreender o complexo desenho hídrico que percorre toda a Quinta e abastece tanto os espaços de recreio como os de produção.

Em suma, a Casa e Quinta de Salgueiros é, sem dúvida, uma referência histórica esquecida da cidade do Porto.

Notas

1. SOUSA, Maria e RAMALHO, Fernando — Quinta de Salgueiros. Porto, 2000, pág. 12.
2. CARITA, Helder — Tratado da grandeza dos jardins em Portugal. Lisboa: Edição dos Altores, 1987, capítulo 10, pág. 254.

Bibliografia

AA. VV — Azuleijos de Padão do século XVII. In Fbaul.

ARAUJO, Ilídio — Arte Paisagista e arte dos jardins em Portugal. Número de edição. Lisboa: Centro de estudos de urbanismo, 1962, volume I.

AZEVEDO, Carlos — Solares Portugueses: introdução ao estudo da Casa Nobre. Lisboa: Horizonte, 1969.

CARITA, Helder — A casa senhorial em Portugal. Alfragide: Leya, Revista da História da Arte, 2015, nº13

CARITA, Helder — Tratado da grandeza dos jardins em Portugal. Lisboa: Edição dos Altores, 1987, capítulo 10, pág. 254.

CARNEIRO, Manuel — Entre a casa agrícola e a quinta de recreio no espaço rural do Porto. Universidade Aberta, 2016, volume

GUARDIÁ, Manuel — Atlas histórico das cidades Europeias: Península Ibérica. Barcelona: Salvat, 1994-96, volume I.

ROSSA, Walter — A urbe e o traço: uma década de estudos sobre o urbanismo português. Coimbra: Almedina, 2002.

GUIMARÃES, Francisco Mesquita — «O tripeiro». Duas Quintas: Cepeda e Salgueiros. Porto: Associação Comercial do Porto, 2018, pág. 8-10.

OLIVEIRA, Marta — Arquitetura Portuguesa do tempo dos descobrimentos: assento de prática e conselho cerca de 1500. Porto: Editor, 2004, volume 1-3.

SIMÕES, J. e OLIVEIRA, Emílio — Azulejaria em Portugal no século XVIII. 2º edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

SOUSA, Gonçalo e PESSOA, Ana — Atas do III colóquio internacional- A casa Senhorial: Anatomia de Interiores. Porto: Universidade Católica Editorial, 2018.

SOUSA, Maria e RAMALHO, Fernando. Quinta de Salgueiros. Porto, 2000.

"Monumentos Desaparecidos".

"Do Porto e não só…", **Ricardo Figueiredo**.

"Portais- Brasões, Aldrabas, Tranquetas, Tramelas, Batentes, Caravelhos, etc...", **Manuel José Cunha**.

"Arquivo Municipal do Porto", **Câmara Municipal do Porto**.

Facebook – Sos Quinta de Salgueiros.